

**REGULAMENTO DO
PROAGRO ESTÁ
NESTA EDIÇÃO**
página 4

**SIMM ANALISA A
LEI DA OFERTA
E DA PROCURA**
página 6

**SECRETÁRIO DA
AGRICULTURA
MOSTRA PLANOS**
página 13

**QUE SABE VOCÊ
DO CASO SACCO
E VANZETTI?**
10 e 11

**EDITORIAL E
PERSPECTIVAS
ANALISAM SOJA**
página 2

**CAI A PRODUÇÃO
AGRÍCOLA NA
AMÉRICA LATINA**
página 3

**COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO VÃO
TER PROGRAMA**
página 16

ÉRICO VERÍSSIMO: O HOMEM, O ESCRITOR, A LIBERDADE



Liberdade, sua preocupação básica. Em seus livros, as personagens são um misto de El Cid e Gil Braz de Santilhana na encarnação de um Capitão Rodrigo. Mas são também doces e ternas, sofridas e complacentes, na expressão de uma Ana Terra. Na página 5, uma tentativa de análise do escritor e da sua obra.

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA

Rua: José Hickembick, 66
Caixa Postal, 111
Fones: 2160 - 2161 - 2162
Inscr. 065/000770
Inscr. INCRA Nº 248/73
C.G.C. 90 726 506/001

ADMINISTRAÇÃO**Direção Executiva:**

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores: Alceu Carlos Hickembick e Euclides Casagrande.

Conselheiros efetivos:

Alberto Sabo, Amaury Marks, Alfredo Driemeyer, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto e Reinoldo Luiz Kommers.

Suplentes:

Elcídes José Salomoni, Hugu Lino Costa Beber, Renaleto Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:

Herbert Hintz, Alfredo Schmidt e Braulio Martins da Rocha.

Suplentes:

José Claudio Kohler, Duilio Fachin e Germano Reinaldo Beutinger.

Armazéns:

Sede - Ijuí	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	20.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Tenente Portela	10.800 T.
Vila Jóia	20.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Em construção:	
Augusto Pestana	20.000 T.
Ajuricaba	20.000 T.

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigido ao quadro social).

EXPEDIENTE**Redação e Administração:**

Rua José Hickembick, 66 Cx. Postal, 111 - Fone 2160.

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob nº 9

Redator: Responsável -

- Raul Quevedo -

registro profissional no MTPS. 1176 matrícula no SJPPA nº 550 sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571.

Colaboradores: Rui Polidoro Pinto e Rui Michel.

Composto e impresso nas oficinas do "Jornal da Manhã", - Gráfica e Editora Jornalística Ser. tinela Ltda.

EDITORIAIS**SOJA: AQUI A FALA MINISTERIAL**

Ao afirmar no plenário da XII Conferência Estadual e IV Conferência Nacional da Soja que "o Governo não planta, não colhe e não tem interesse em comercializar o produto", o ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, colocou água fria no argumento de alguns que vinham tentando defender uma hipotética "compra estatal da soja".

Se outros méritos não forem somados aos encontros simultâneos da soja, que se realizaram em Porto Alegre, no salão de atos da Pontifícia Universidade Católica, no período de 19 a 21 de fevereiro, já basta a caracterização da filosofia governamental de fomento ao cooperativismo de produção. Segundo o Ministro, o Governo entende que "os produtores devem participar das cooperativas e através de suas cooperativas, do sistema competitivo do mercado, tanto no mercado interno como no externo."

Para Paulinelli, cabe ao Governo - e ele o vem fazendo - assegurar aos produtores financiamento a juros compatíveis, insumos e preço mínimo mantenedor de mercado, tendo em vista a melhoria da produção e da produtividade. Ao produtor cabe, na sociedade de livre iniciativa, zelar pela manutenção da competição.

Mas essa competição, declarou o Ministro, não deve estimular no produtor o espírito da especulação. Entende Alysson Paulinelli que o produtor deve somar esforços através de suas respectivas cooperativas, para que estas comercializem a produção dentro das normas da competição da livre iniciativa.

"O Governo quer dar prioridade à área da produção agrícola - ressaltou o ministro Paulinelli - mas é preciso que seja fortalecido o sistema cooperativista, na área dos serviços, da industrialização e principalmente na comercialização".

É grande a responsabilidade das cooperativas, nesta hora em que o Governo, através de seus principais escalões, vê no fortalecimento do sistema, a solução para os problemas brasileiros.

A COTRIJUI vem se equipando dentro do possível para a grande missão que o Governo quer lhe assegurar. A COTRIEXPORT e a fábrica de óleo que começa a construir junto ao seu Terminal exportador, em Rio Grande, além do Projeto de colonização na Amazônia e de sua excelente infra-estrutura de armazenagem, sem dúvida estão enquadrados no espírito de dinâmica cooperativista pregados pelo ministro Alysson Paulinelli.

UM MAU EXEMPLO DE COMERCIALIZAÇÃO

Os plantadores de trigo norte-americanos, no mês de junho de 1974, em meio às suas colheitas, estavam numa situação crítica. Eles haviam recusado vender a produção de 1973 esperando que numa ação conjunta de retração de vendas conseguissem elevar o preço do trigo além dos cinco dólares (Cr\$ 37,75) por bushel (cerca de 27 quilos)

Segundo comentários veiculados na época, foi uma das poucas vezes na história, que cidadãos norte-americanos se uniram para tentar a imposição de preços desejados. Em face dessa união de produtores, apenas 15% da colheita, que totalizava 1 bilhão e 790 milhões de bushels, foi vendida imediatamente.

O preço realmente subiu. Passou de 3,57 dólares o bushel em junho, no começo da colheita, para 4,87 dólares em novembro. Então, começou a entrar a safra de 1974 e aconteceu o que os analistas de mercado temiam. O preço médio caiu de 76 centavos de dólar o bushel em menos de dois meses. No fim de fevereiro deste ano o trigo estava cotado em Kansas City - o maior centro comercializador de trigo do país - a quatro dólares o bushel, mas em algumas regiões de Oklahoma e Nebraska, caíra até a um dólar por bushel.

A queda do preço médio coincidiu com o início do plantio da safra de 1975. Então os produtores constataram como é difícil acompanhar as tendências de mercado, vencendo as barreiras e imposições da lei da oferta e da procura.

Queixando-se do que qualificou como um "jogo em Las Vegas", disse o presidente da Associação de Plantadores de Trigo de Kansas, Tom Ostrander. "O mercado de trigo não é muito diferente do jogo de azar".

Os plantadores armazenaram o cereal nas fazendas ou em silos próximos, desde agosto, vendendo apenas um pouco de cada vez para pressionar a elevação dos preços. Então, quando os preços alcançaram o nível considerado ótimo, eles jogaram o equivalente a 1,5 bilhão de bushels de trigo no mercado. Esse mercado, saturado, aviltou-se.

Os agricultores americanos são muito independentes entre si; dificilmente agrupam-se para tentar conquistas pessoais. O episódio da "união do trigo" foi quase uma exceção. Sua ação foi chamada de "comercialização ordenada". Evidentemente, conquistaram uma boa vitória. O mal consistiu em lançar no mercado todo o volume da produção retida, em prazo muito curto. Realizaram o que pode ser qualificado de pressão de preço ordenada mas executaram depois uma comercialização desordenada. Parece que o exemplo é típico e deixa lições que podem e devem ser bem analisadas por nossos produtores de soja, agora que estamos às vésperas de uma comercialização de perspectivas completamente indefinidas.

A lição a que nos referimos é que a manutenção da união entre os produtores, deve ocorrer também na ocasião da venda.

Não adianta ele se unir na hora de estocar o produto e depois, novamente desunido, vender indiscriminadamente todo o estoque, pois com certeza voltará a aviltar os preços. Desejamos ainda chamar a atenção para um resumo da palestra do ex-secretário da Agricultura do estado, professor Edgar Irio Simm, publicada nesta edição, que analisa esse mesmo problema com profundidade.

AMÉRICA LATINA REGRIDE NA SUA AGRICULTURA



Felipe Herrera

Como participante da Reunião Latino-Americana sobre Agro-Indústria, realizada no Rio de Janeiro, em fevereiro, o economista Felipe Herrera, ex-diretor do Banco Interamericano de Desenvolvimento e atual coordenador do Programa Eciel de estudos para a integração econômica das Américas do Sul e Central, disse que nos últimos cinco anos o Produto Nacional Bruto do continente cresceu a uma taxa média anual de cinco por cento enquanto a agricultura cresceu apenas em 3,5 por cento. Segundo o técnico, a produção agrícola per capita caiu de forma acentuada, principalmente se analisarmos o consequente aumento demográfico, que é dos mais explosivos na mesma região.

Felipe Herrera afirmou que a América Latina, como um todo, é a maior reserva da humanidade no que se refere a recursos naturais. Por isso, sustentou o especialista — há necessidade de se buscar novas formas de cooperação técnica e financeira, por meio de trabalhos coordenados pelas entidades de desenvolvimento.

Destacou a formação de consórcios e o estímulo à formação de um mercado de capitais regional, com fluidez na transferência de recursos para aplicação na agropecuária.

A justificativa para essa necessidade, segundo Herrera,

reside no fato de que na década dos anos 60 a industrialização foi dinâmica em quase todos os países da América Latina, enquanto a agricultura praticamente não recebeu motivação, sendo, por consequência, fraca em seu desempenho. Entretanto — destacou — o quadro de produção da América Latina se vê condicionado pela nova situação econômica internacional vigente a partir de 1973, com a alta dos preços das matérias primas e dos alimentos, cuja tendência é sempre para a alta. Antes, segundo Herrera, o comércio internacional apresentava tendência a simples troca entre os excedentes. Hoje, já temos problemas à dificuldade de acesso aos produtos básicos.

Ao abordar a crise alimentar que se verifica no mundo, salientou o grave desequilíbrio existente entre a demanda crescente e a cada vez mais limitada oferta de produtos naturais. De acordo com o especialista, decorrem daí os elevados preços atingidos pelos produtos de origem agropecuária, mas sempre em benefício dos países ricos e, conseqüentemente, em detrimento dos países do chamado Terceiro Mundo.

Para Felipe Herrera, a integração econômica latino-americana já superou a sua dimensão estritamente desenvolvimentista, transformando-se hoje em uma poderosa arma defensiva e mesmo num instrumento de barganha política.



Felipe Herrera

AMERICANO VAI REFORMAR LEI DO COMÉRCIO

WASHINGTON — O "Journal of Commerce" destacou o fato de "existir um consenso entre o Governo e os integrantes das comissões de finanças do Senado e da Câmara dos Deputados norte-americanos" sobre as reformas da Lei do Comércio Exterior.

O presidente Gerald Ford solicitará ao Congresso alterações na Lei, para satisfazer diversos países latino-americanos que fizeram pedidos a respeito. A reforma que Ford proporá ao Congresso, segundo o mesmo jornal, tem em vista principalmente as preferências comerciais dos países integrantes da OPEP — Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

SEMINÁRIO DE INVESTIMENTOS NA EUROPA

VIENA — Áustria — O Governo da Áustria manifestou seu entusiasmo diante da iniciativa do empresariado brasileiro de promover numa cidade austríaca, o Primeiro Seminário Internacional Sobre Investimentos no Brasil e assegurou apoio integral. O Governo da Áustria considera o seminário brasileiro como "uma contribuição importante para as relações econômicas entre o Brasil e os homens de negócio austríacos e europeus em geral.

A posição austríaca sobre o assunto foi transmitida pelo secretário de Estado para a Coordenação Econômica, Ernest Eugen Veselsky.

MUNDO TERÁ 4 BILHÕES DE HABITANTES

KANSAS CITY — A julgar pelos cálculos do dr. L. C. Nerth, professor da Universidade de Wichita, o mundo viverá em breve um dos fatos mais significativos da história do homem contemporâneo. Nerth assinalou que durante o transcorrer deste mês de abril a população mundial ultrapassará de quatro bilhões de indivíduos.

Explicando seu raciocínio, disse o professor Nerth: "estava manipulando cifras certa noite quando de repente cheguei a conclusão que estamos vivendo o período da passagem pelos quatro bilhões de cidadãos e cidadãs, na superfície da Terra."

O professor afirmou que suas cifras estão baseadas em informações fornecidas pelas Nações Unidas. A última população total do mundo, segundo as Nações Unidas e publicadas em meados de 1973, foi de 3,8 bilhões de habitantes, com uma média de crescimento de 2,05% ao ano.

AQUELE QUE FERRE A TERRA FERRE O FILHO DA TERRA

Em pleno ano de 1975, não se conseguiu ainda unanimidade em torno do problema ecológico. Infelizmente, ainda se encontra com relativa frequência até mesmo homens detentores de curso universitário, ignorantes da necessidade da preservação do meio ambiente. Pois é neste momento que devemos meditar sobre uma carta endereçada por um índio norte-americano, há 120 anos, ao presidente dos Estados Unidos da América do Norte.

A carta foi escrita pelo cacique Seathl, da tribo Suwamish, do estado de Washington, analisando proposta de compra das terras da tribo por parte do Governo americano. Isso aconteceu no ano de 1855. A carta, conforme o próprio autor se classifica, foi escrita por um "selvagem".

"O Grande Chefe de Washington envia palavras manifestando desejos de comprar nossa terra. O Grande Chefe também nos envia palavras de amizade e boa-vontade. Gentileza dele, pois sabemos que necessita um pouco de nossa amizade. Vamos considerar sua oferta, já que se não fizermos assim o homem branco poderá vir com armas e tomar nossa terra. O Grande Chefe de Washington pode contar como certo o que o Cacique Seathl diz, assim como nossos irmãos contam como certo o ciclo das estações. Minhas palavras são como as estrelas — elas se fixam.

Como pode alguém comprar e vender o céu, o calor da terra? É uma idéia estranha para nós. Porque não possuímos a frescura do ar ou o brilho da água. Como Grande Chefe pode querer comprá-los de nós? Decidiremos por nossa vez. Cada parte de nossa terra é sagrada para meu povo. Cada copa brilhante de um pinheiro, cada praia arenosa, cada névoa dos bosques escuros, cada inseto luminoso é santo na memória e na experiência de meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Para ele, um pedaço de terra é igual ao seguinte, porque ele é um estranho que chega de noite e tira da terra tudo o que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga e após tê-la conquistado ele vai embora. Ele abandona a sepultura de

seus pais, e não se preocupa. Ele rouba a terra de seus filhos. E não se preocupa. As sepulturas de seus pais e os direitos naturais de seus filhos são esquecidos. Seu apetite devorará a terra e deixará atrás de si um deserto. A visão de suas cidades castiga os olhos do homem vermelho. Mas talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem, e não entende ...

Não há lugares calmos nas cidades dos homens brancos. Nenhum lugar para se ouvir as folhas da primavera ou o ruído das asas dos insetos. Talvez eu seja um selvagem e não compreenda — mas o barulho apenas insulta meus ouvidos. E o que é a vida lá, se um homem não pode ouvir o belo canto do rouxinol ou as conversas noturnas dos sapos em volta do Lago?

O índio prefere o som suave do vento escorrendo na face da lagoa, o cheiro do vento lavado por um chuva de meio-dia e perfumado pelos pinheiros. O ar é precioso para o homem vermelho. Todas as coisas repartem o mesmo ar: os animais, as árvores, o homem. O homem branco parece não levar em conta o ar que respira. Como um homem morrendo há muitos dias, ele está entorpecido para o perfume.

Se eu decidir aceitar, darei uma condição. O homem branco tem que tratar os animais desta terra como irmãos. Sou um selvagem e não compreendo nenhuma outra atitude. Tenho visto milhares de búfalos apodrecendo na pradaria, mortos pelos brancos que passam num trem em disparada. Sou um selvagem e não compreendo como os fumegantes cavalos de aço podem ser mais importantes que os búfalos que matamos somente para permanecermos vivos. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais desaparecessem, o homem morreria de grande solidão de espírito, porque seja o que for que aconteça aos animais, acontecerá também ao homem. Todas as coisas estão ligadas. O que suceder com a terra, sucederá também com os filhos da terra."

CONHEÇA O PROGRAMA DE GARANTIA DAS ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS

O Programa de Garantia das Atividades Agropecuárias — PROAGRO — instituído pela Lei 5969, de 11 de dezembro de 1973, e cuja regulamentação foi divulgada pela Resolução nº 301, de 9 de outubro de 1974, tem os seguintes principais objetivos:

Exonerar o produtor rural de obrigações financeiras relativas a operações de crédito rural de custeio ou investimentos, e para cujo cumprimento venha a ficar impedido pela decorrência de fenômenos extraordinários naturais, pragas e doenças que prejudiquem as plantações e os rebanhos, de modo a comprometer total ou parcialmente os seus respectivos rendimentos.

Atuar como instrumento de incentivo à utilização de tecnologia adequada à exploração das atividades rurais, na medida em que essa tecnologia encontre apoio nos meios de produção, como insumos modernos, máquinas, etc., previstos nos respectivos instrumentos de crédito rural, com a orientação necessária dos serviços de assistência técnica aos produtores rurais.

OS BENEFICIÁRIOS

Podem ser beneficiários do PROAGRO: produtores rurais (pessoas físicas ou jurídicas) e cooperativas, quando os financiamentos se destinarem a repasses em favor de seus associados e à exploração de atividades agropecuárias desenvolvidas por elas próprias. São requisitos indispensáveis ao enquadramento das operações no PROAGRO: tratar-se de operações típicas de crédito rural contratadas junto aos órgãos do Sistema Nacional de Crédito Rural ou junto aos órgãos auxiliares do mesmo sistema, devidamente credenciados a operar em crédito rural pelo Banco Central do Brasil. E tratar-se de empréstimos que se destinem ao financiamento de custeio ou investimento.

O produtor rural, para se valer dos benefícios do PROAGRO, deverá expressar essa intenção por escrito, ao preencher a proposta de pedido de financiamento.

Para quem estiver devidamente inscrito no PROAGRO, ele cobrirá prejuízos ocasionados por chuvas excessivas, geadas, granizo, seca, ventos frios ou fortes; variações excessivas de temperaturas, raios e, em geral, qualquer fenômeno fortuito natural e suas consequências diretas e indiretas. Doenças ou pragas sem métodos de combate, controle ou profilaxia di-

fundidos, embora técnica e economicamente exequíveis, a critério dos técnicos.

NORMAS COMPLEMENTARES

O mutuário do Programa PROAGRO cabe estar ciente e assinar o seguinte documento: 1º As presentes normas fazem parte integrante de todos os instrumentos de crédito rural que contenham cláusula de adesão ao PROAGRO.

2º A adesão ao Programa assegura ao produtor rural a cobertura de até 80% (oitenta por cento) do valor dos financiamentos de custeio ou investimentos contratados com instituições financeiras autorizadas a operar em crédito rural.

3º O benefício acima previsto será concedido quando o pagamento das obrigações financeiras assumidas vierem a ser, comprovadamente, dificultado pela ocorrência extraordinária de fenômenos previstos. São condições prévias para o cálculo da cobertura do PROAGRO e efetivação da respectiva indenização em favor do produtor rural:

a) — que seja recolhida para amortização de seu débito toda a renda bruta das atividades cujo custeio tenha sido objeto do financiamento. Somente ficará isento dessa condição o produtor rural que tiver perdido totalmente a sua produção.

b) — que, além daquele eventual recolhimento para crédito de sua conta, também seja creditada, se for o caso, a renda líquida obtida, no mesmo período agrícola, originada de outras atividades rurais ou provenientes de arrendamento de terras ou pastagens, desde que a referida renda líquida tenha sido considerada para efeito de pagamento do financiamento obtido.

6º A cobertura do PROAGRO, em hipótese alguma, poderá ir além do equivalente a a) 80% (oitenta por cento) do saldo principal da dívida, apurado na data do evento; ou

b) 48% (quarenta e oito por cento) do valor das receitas inicialmente previstas para a normal liquidação do financiamento.

Observação — Prevalecerá entre as duas hipóteses acima, aquela que oferecer o menor resultado em termos financeiros, valor este que será o limite para efeito da cobertura do PROAGRO.

7º Não farão jus à cobertura do PROAGRO:

a) operações de crédito rural que estejam em curso

anormal, anteriormente à data do evento;

b) perdas de rendimentos resultantes de riscos que estejam cobertos por seguro, ou, de riscos que obrigatoriamente passíveis de seguro, deixaram de ser por este cobertos na ocasião oportuna;

c) prejuízos decorrentes de causas de qualquer natureza, após a oportuna remoção dos produtos agrícolas da lavoura;

d) prejuízos resultantes de qualquer natureza, verificados após terem sido oportunamente removidos do imóvel os produtos pecuários.

8º A adesão ao PROAGRO resulta nas seguintes obrigações do mutuário:

a) — utilizar os meios de produção, tais como insumos modernos, máquinas, etc., colocados à sua disposição através do crédito aberto, de acordo com tecnologia capaz, de, sob condições normais, assegurar —

seja por vir apresentando resultados já consagrados na região, seja por recomendação dos serviços de assistência técnica disponíveis — a efetiva obtenção dos rendimentos previstos para efeito do pagamento do empréstimo;

b) — não vincular a outro financiamento amparado pelo PROAGRO as receitas previstas para pagamento de empréstimo já coberto pelo mesmo Programa;

c) — Comunicar ao Banco financiador, imediatamente, por escrito, contra recibo ou, mediante registro postal, a ocorrência de qualquer evento que possa vir prejudicar as receitas previstas, sob pena de perder os benefícios do PROAGRO, caso não o faça dentro de 15 dias a contar da data em que ocorreu o evento;

d) — aceitar todas as demais condições do Regulamento do PROAGRO, aprovado pe-

la Resolução nº 301, de 9.10.74, do Banco Central do Brasil, e, ainda, as normas complementares baixadas pelo mesmo Banco, bem como pagar o adicional de 1% (um por cento) ao ano sobre os saldos devedores do financiamento, calculado e exigível em 30 de junho a 31 de dezembro de cada ano, no vencimento e na liquidação do empréstimo, entendido que, na falta de pagamento desse adicional nas datas aprazadas, incidirá em favor do PROAGRO a multa de 10% (dez por cento) ao ano sobre o seu valor, por mês ou fração que transcorrer depois de 30 dias a contar da data estipulada para o seu pagamento.

9º Uma vez concedido o financiamento ao amparo do PROAGRO, não será dispensado, em hipótese alguma, o pagamento do adicional de 1% a. a. a que se refere a última alínea do item precedente.

PIDCOOP DEBATEU COMÉRCIO DA SOJA E COMUNICAÇÃO

Tendo por local o Clube Cultural de Santa Rosa, realizou-se naquela cidade, nos dias 6 e 7 de março que passou, o III Seminário do PIDCOOP (Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo), com a participação da maioria das cooperativas integrantes do projeto, num total de 26.

Os assuntos debatidos e que mereceram a maior atenção dos participantes foram comercialização da soja da safra que já está sendo colhida, área de atuação das cooperativas e padronização dos critérios para recebimento da soja pelas cooperativas, inclusive com o desconto por umidade, tara de sacaria quando houver — e o lançamento de comissão de comunicação e educação, cuja regulamentação foi efetivada durante os dias 20 e 21 do mesmo mês, em Ijuí, tendo por local a FIDENE.

O III Seminário do PIDCOOP aprovou, para aplicação por todas as cooperativas da área do Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo, o Sistema Cotrijui de Comercialização de Soja, sistema esse trabalhado na safra de 1974 pela COTRIJUI e outras cooperativas da região, com sucesso.

Quando da realização do II Seminário, realizado em Iraí, o PIDCOOP já havia aconselhado a adoção, por parte das coo-

perativas, do sistema de recebimento e comercialização da soja no sistema criado e posto em prática pela COTRIJUI, a partir da safra de 1974.

A COTRIJUI esteve presente ao encontro nas pessoas dos diretores presidentes e vice-presidente, Ruben Ilgenfritz da Silva e Arnaldo Oscar Drews, respectivamente; Euclides Casagrande, diretor do Departamento de Armazéns e Rui Polidoro Pinto, assessor da diretoria,

todos eles com atuação destacada nos trabalhos.

O III Seminário do PIDCOOP, que teve como cooperativa anfitriã a COTRIJUI, foi dirigido pelo economista Avenor Lopes de Aguiar, secretário-executivo do PIDCOOP, e assessoria do professor João Batista Pinzom, coordenador do Sub-Projeto de Comunicação e Educação, a ser promovido através das cooperativas, com a coordenação PIDCOOP.

AGRÔNOMOS ESTUDAM PROBLEMAS TÉCNICOS EM S. LUIZ GONZAGA

Promoção e relacionamento cooperativista, assistência técnica e extensão rural e o problema forrageiro, foram assuntos debatidos por engenheiros agrônomos em reunião promovida pela FECOTRIGO em São Luiz Gonzaga, no dia 20 de março, para especialistas componentes dos departamentos técnicos das cooperativas da região noroeste do estado.

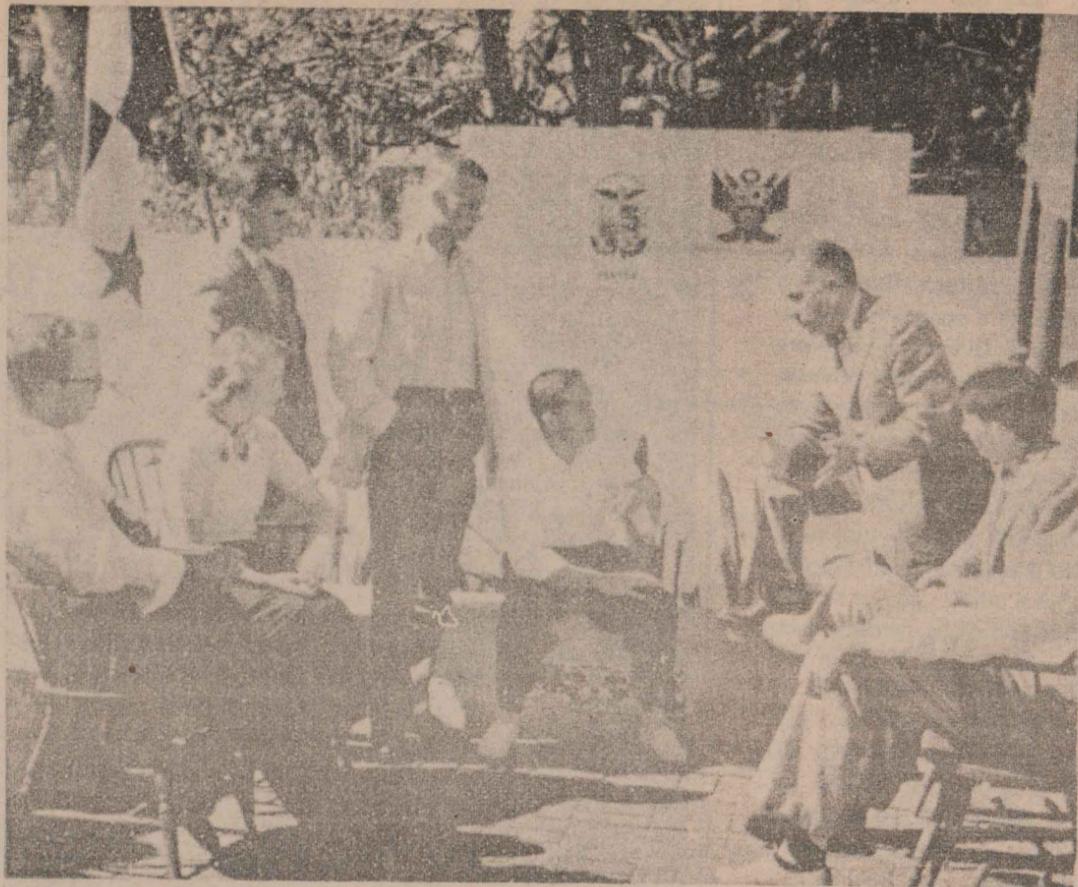
Os assuntos focalizados foram apresentados pelos engenheiros agrônomos Renato Borges de Medeiros, da COTRIJUI — o problema forrageiro — Nelson Galvani, da FECOTRIGO — Promoção e relacionamento cooperativista e Antonio Carlos Dossa, da TRITISOJA — Programa de assistência técnica e extensão rural.

CONVÊNIO COTRIJUI-FIDENE EM AGOSTO PESTANA

Representando o Convênio COTRIJUI-FIDENE, o professor Walter Frantz esteve reunido com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana, sr. Bruno Van Der Sand, na sede do referido sindicato, para tratar do planejamento e pro-

gramação das atividades do convênio.

Serão dinamizadas as reuniões de núcleos, com realizações de vários cursos de economia doméstica e administração de propriedades rurais, além das tradicionais reuniões de líderes rurais.



Érico, com um grupo de estudantes, numa Universidade americana.

ÉRICO VERÍSSIMO: O ESCRITOR DESCOBRE A SI MESMO

"O menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos".

Érico Veríssimo

Solo de Clarineta

Erico sentiu um dia a curiosidade de descobrir a origem dos Veríssimo. Ao genealogista, não foi difícil localizar o começo da estirpe, hoje enraizada no solo perene da história: Portugal. Lá, na freguesia do Ervedal, na Beira Alta, começa o tronco paterno do clã que, a partir daí, até a terceira geração, passaria por completa metamorfose.

Da gênese do tabaréu da Europa, talvez um simples pastor de cabras nos pedregais da Beira, começam a nascer os Cambará, os Terra, as Adrianas, as Anas da ficção; porque já haviam nascido os Mello Albuquerque, os FONSECAS, os Azambuja que descambaram finalmente nos Veríssimo da vida real.

Plantada na geografia física do Rio Grande, Cruz Alta foi caminho obrigatório para as tropas de mula que demandavam a São Paulo, via Vacaria, Curitiba e Sorocaba. Espécie de rosa-dos-ventos em face de sua localização geográfica,

foi também caminho natural e até pousada de revolucionários, autênticos ou não, de que foi fértil o nosso Rio Grande do Sul.

Nessa panorâmica campeira, de sol causticante no verão e minuano cortante no inverno na vivência de gaúchos austeros ou baderneiros, que nasceu e criou-se o Veríssimo de que me ocupo nesta reportagem: o Érico.

Suponho ser de extrema importância para o estudo da obra do escritor, o conhecimento do meio onde ele foi gerado e onde bebeu os primeiros goles do nectar da vida. Cruz Alta era, no princípio do século, uma cidadezinha plantada no campo. De qualquer parte que levantasse a vista, a planície imensa, cortada de pequenos relevos ondulantes e verdes muito-verdes — era um convite para se cavalgar bem montado, a rédea solta, cortando o vento... Érico parece, não deve ser enquadado entre os gaúchos cavaleiros do seu tempo. Seu comportamento cidadão, obrigado pelos estudos e a seguir pela necessidade de trabalhar, quando o expansivo e dispersivo pai - Sebastião Veríssimo - liquidou o patrimônio da família, aguçou sua curiosidade para os usos e costumes do campo.

É característica sua admiração pelos "cabras largado"; os autênticos "gaúchos" da família. Seu tio, Columbano, "era um nome que provocava em mim misteriosa ressonância", confessa em

Solo de Clarineta. "Alto, de olhos expressivos, tinha bigodes castanhos com reflexos de cobre, grossos e longos como os dos oficiais ingleses que mais tarde eu viria a conhecer nas páginas de Rudyard Kipling".

Ou outro tio - o Nestor - "Retaco, vigoroso como um touro, tinha uma natureza falstaffiana, um tremendo apetite pela vida, uma coragem cega e um tropismo insopitável pelas revoluções".

Esse, também, o Érico em formação. Menino ainda, enfrentava em sonhos monstros ciclópicos com a Coragem de um Toribio Cambará e a destreza debochada de um Capitão Rodrigo.

Com o passar dos anos, o tio Columbano, o Nestor (de Mello e Albuquerque Veríssimo da Fonseca), o próprio pai - Sebastião - o Dr. Franklin: valentes uns, opíparos, mulherengos ou beneméritos, outros, foram aos poucos metamorfoseando na mente do futuro escritor, até saltarem para as páginas do O Tempo e o Vento, Saga, Música ao Longe, Caminhos Cruzados, O Resto é Silêncio, ou mais presentemente, Senhor Embaixador, Incidente em Antares, O Prisioneiro, romances estes que marcaram a fase do escritor já formado politicamente. Na verdade, nesse verdadeiro exército de personagens criados por Érico Veríssimo, o difícil é localizar onde se encontra agora o revolucionário Vasco Bruno das Brigadas Internacionais, que lutou

contra o facismo franquista; Toribio Cambará, que não deve ser outro senão o seu tio Nestor, que esteve engajado na Coluna Prestes ou o Capitão Rodrigo (seu pai, Sebastião?), romântico, charlador, amante da boa mesa, bons vinhos, as belas roupas e as camas macias, preferentemente na companhia de uma bela fêmea...

Mas o serrano de Cruz Alta, como escritor, não é evidentemente um Capitão Rodrigo nos gestos, nos gostos e nos prazeres da vida. Comedido, manifesta-se parcimonioso até no falar. Se tem orgulho da própria obra e da fama que a cerca (e o orgulho, no caso, é perfeitamente justificável), em nenhum momento demonstra para o interlocutor, a soberba dessa jactância. Recebe com discrição. E o visitante, a não ser que já possua laços de afinidade com a família, passa por um estágio lento de aproximação e reconhecimento. Começa pelo encontro no jardim. Amplo, verde, perfumado de clorofila.

É como se fosse um ritual. Luiz Fernando (o filho) ou Dona Mafalda (esposa), um dos dois, recebe o visitante neófito e o acompanha até ao jardim. O Érico chega depois. Afável, cavalheiro, mas reservado. Aos poucos, porém, vai descortinando o universo mental das idéias e se fixa no foco da liberdade. Stefan Zweig gostava de dizer: "Se souberes que em qualquer parte da terra, foi cometida uma injustiça, e não protestares, tampouco serás digno de justiça". A frase enquadra-se perfeitamente no espírito do escritor. O escritor é um contestador nato. Sua preocupação é o social, é o humano, é o problema no plural. Escritor sem preocupação social não pode ter mensagem. Perfeitamente apolítico no sentido partidário do termo, Érico, foi e é um político de si mesmo, de sua obra.

Com livros vertidos para todas as principais línguas do mundo, é um escritor realizado. Trabalhando (com calma) no 2º volume do Solo de Clarineta (autobiografia) e O dia do Sétimo Anjo, espécie de dia do juízo final, tem a consciência de haver colocado suas pedras na construção de um mundo que aspira legar para os pósteros: um mundo de liberdades.

Quanto ao leitor, resta apenas aguardar o segundo volume de suas memórias - Solo de Clarineta - focalizando agora em maiores detalhes suas viagens pelo mundo. E se for possível, fazer uma visita ao próprio Érico, em sua casa na rua Felipe de Oliveira, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre. É simples e fácil. Segundo diz Lauro Schirmer, frequentador assíduo da mansão, é bom telefonar antes à Dona Mafalda, para marcar hora (Raul Quevedo).

PERITO AFIRMA: OSWALD NÃO MATOU JOHN KENNEDY

Em nossa edição anterior, através de um trabalho de pesquisa histórica, levantávamos dúvidas a respeito da culpabilidade de Lee Harvey Oswald no assassinato de John Kennedy. Dias após, notícia procedente de Washington e divulgada por todos os jornais do Brasil, dizia que um ex-funcionário da CIA (Agência Central de Inteligência) - George O'Toole, afirmava que o falecido presidente tinha sido vítima de uma trama, possivelmente por parte da própria polícia do Texas.

Transcrevemos a seguir o telegrama da UPI: WASHINGTON, 10 (UPI) - "Lee Harvey Oswald disse a verdade quando acentuou que não matara o presidente John Fitzgerald Kennedy, segundo afirmou um ex-funcionário da Agência Central de Inteligência, que se utilizou de um tipo aperfeiçoado de polígrafo (detentor de mentiras) para gravar suas declarações.

O ex-funcionário da CIA, George O'Toole, acaba de escrever um livro em que afirma que Oswald foi na realidade vítima de uma trama, possivelmente por parte da polícia de Dallas e da polícia federal (FBI). George O'Toole, que agora acusa a CIA, foi seu funcionário e analista dos problemas dessa organização, no período de 1966 a 1969.

AMERICANOS AGRADECEM NOSSA HOSPITALIDADE

Os norte-americanos John S. Evans e Vernon Runholt, dirigentes da Minnesota Soybean Growers Association, de Minnesota, Estados Unidos, estiveram em nossa região em fins de janeiro do corrente ano, chefiando uma missão de 36 compatriotas que vieram, muitos deles com suas esposas, observar nosso estágio de desenvolvimento to agrícola.

Na ocasião, por dois dias, eles foram recepcionados e homenageados pela COTRIJUI e por agricultores associados da região. Para manifestar agradecimentos pelas recepções e homenagens de que foram alvo, eles acabam de endereçar correspondência ao sr. Arnaldo Oscar Drews, diretor-vice-presidente da COTRIJUI, que na oportunidade os recepcionou. Em ambas as correspondências os srs. Evans e Runholt, falando também em nome dos demais companheiros, agradecem as atenções recebidas na área da COTRIJUI.

A SOJA À LUZ DA OFERTA E DA PROCURA

○ Ex-secretário da Agricultura do estado, professor Edgar Irio Simm, proferiu palestra por ocasião da realização em Porto Alegre, no período de 19 a 21 de abril, da 4ª Conferência Nacional e 12ª Conferência Estadual da Soja, no salão de atos da PUC.

Ilustrada com gráficos elucidativos, a palestra do ex-titular da pasta agrícola gaúcha entrou em pormenores focalizando os diversos ângulos da comercialização da soja no mercado internacional, com análise dos fenômenos que interferem na chamada lei da oferta e procura.

Damos a seguir um resumo da palestra do professor Irio Simm: "Talvez não exista ninguém dentro deste auditório que não tenha ouvido falar sobre a famosa lei da oferta e da procura. Referências a ela são feitas quase que diariamente. Entretanto, é bom indagar: será que todos quantos se referem à Lei sabem exatamente o que ela significa? Já houve até quem propusesse até a sua revogação ...

Vamos, numa tentativa muito elementar, descobrir o que está por trás daquilo que se chama oferta e procura. Que a oferta e a procura formam ou determinam os preços todo o mundo sabe, ou pelo menos já ouviu dizer. Mas como esse mecanismo funciona é um pouco mais complicado.

O produtor rural já aprendeu que quantidades grandes, isto é, safras abundantes conduzem, normalmente, à baixa dos preços. A abundância se associa a preços baixos e a escassez, pelo contrário, se relaciona com preços altos.

Isso ocorre por que existem no palco da comercialização dois atores desempenhando papéis distintos. O vendedor deseja o preço alto, cabendo acrescentar que deseja o maior preço possível para toda a sua produção. Já o comprador deseja o menor preço e limita ao mínimo as suas compras se o preço for alto e as estende ao máximo se o preço for baixo. A distância entre o mínimo e o máximo depende da natureza do produto.

No palco da comercialização é preciso que se estabeleça um equilíbrio, isto é, um preço que "limpe o mercado"; um preço, pelo qual toda a produção é vendida e comprada.

A necessidade de que toda a produção tenha de ser vendida, não implica que tenha de sê-lo ao mesmo tempo.

Já verificamos então, que oferta e procura determinam os preços. Mas se isso é verdade

como é que as vezes ocorre que especuladores, atravessadores, comerciantes inescrupulosos, impõem o preço que querem e o produtor tem que aceitar?

Vamos tentar detalhar melhor o assunto:

Tecnicamente diz-se que procura são aquelas quantidades de bens e serviços que consumidores estão dispostos a adquirir a determinados preços, num certo momento e num certo lugar.

Oferta são aquelas quantidades de bens e serviços que produtores ou vendedores estão dispostos a produzir ou vender a determinados preços num certo lugar.

Vê-se por aí que oferta e procura são dois conceitos muito limitados. Um determinado economista afirmou certa feita que oferta e procura não existem. O que existe são determinadas circunstâncias ou fatores que no mercado agem em sentido, que agrupados se chamou de oferta e outros que agem em sentido contrário que agrupados se chamou procura. Assim sendo, são inúmeros os fatores, inclusive de natureza psicológica que podem influir no mercado a tal ponto que seria lícito afirmar que oferta e procura não é o que é, mas sim o que os homens de negócio pensam que seja. Exemplificando: se um grande número de comerciantes acreditarem na iminência de uma aguda escassez para determinado produto esta escassez talvez não venha a acontecer, todavia, os preços, ainda que temporariamente, sofrerão os efeitos daquela crença, elevando-se no mercado.

Assim, ao lado de definir sumariamente oferta e procura, é fundamental que se definam os seus fatores determinantes que, no caso da procura são: número de consumidores, seu poder aquisitivo, seus hábitos e preferências, existência de substitutos para um bem considerado, expectativa quanto ao futuro, condições do meio-ambiente. São fatores determinantes da oferta: os recursos humanos, naturais e os capitais disponíveis, a tecnologia, as alternativas viáveis, as expectativas quanto ao futuro e as condições do meio-ambiente.

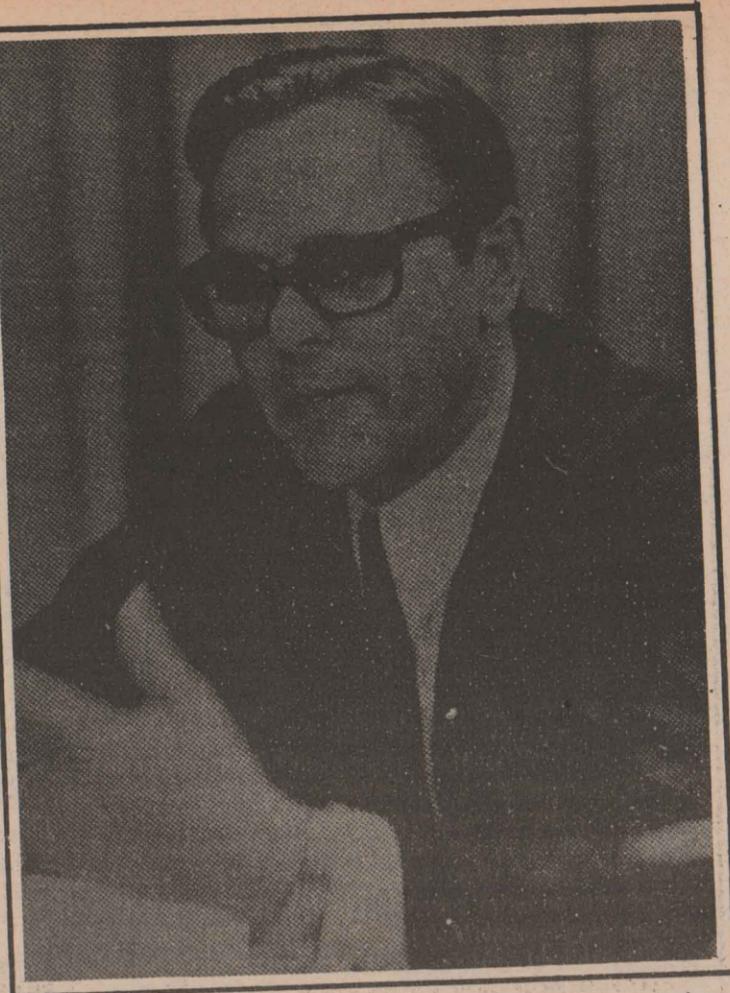
Cada um desses fatores determinantes, isolados ou não, podem exercer influência na modificação da oferta e da procura. Consequentemente, modificarão os preços.

De tudo quanto foi dito até aqui, uma condição de fundamental importância deve ser admitida: liberdade total de mercado ainda que este funcione com imperfeições, ensejan-

do oportunidades especulativas ou manipulativas. A extensão de tais oportunidades pode ser estudada e eventualmente modificada. Quando se fixam preços políticos não há como interpretá-los à luz da teoria econômica. Porém, muitas vezes a intervenção permite provar a existência das leis de mercado. Qualquer produto que tenha seu preço fixado pelo Governo, a nível inferior ao que seria estabelecido pelo mercado, sobre a ação de suas forças através do surgimento do câmbio negro que gera preços mais reais do ponto-de-vista da lei da oferta e da procura. Se esses preços são mais justos ou menos justos, não vem ao caso analisar aqui.

Vejamos agora, à luz dos conceitos emitidos, o caso ocorrido com a soja na comercialização da safra de 1974, que deu margem a tantos e tão descontraídos comentários. Inicialmente, digamos que a soja, como grão, não é produto de consumo final. Embora existam compradores para o grão, este é uma matéria-prima para elaboração de outro produto ou semi-final. É preciso pois indagar para que serve a soja, eis que cada produto final está sujeito às mesmas leis de mercado e são os fatores determinantes da procura daqueles produtos finais que se refletem em última análise sobre a matéria-prima. Embora fosse possível enumerar dezenas de produtos derivados da soja, apenas para facilitar a compreensão, vamos admitir que a soja seja utilizada apenas para fazer óleo e farelo. Assim, temos que a decomposição primária da soja consiste na obtenção de cerca de 20% de óleo e 75% de farelo. O preço do grão, por conseguinte, está na dependência dos preços do óleo e do farelo. Resta, pois, saber o que está por trás daqueles preços.

No que se refere ao óleo, temos algo muito sério a dizer. O seu preço, como é lógico, decorre da intenção das forças da oferta e da procura e estes, dos seus fatores determinantes. Sabemos que o óleo de soja não está sozinho nas prateleiras dos supermercados mundiais. Concorrem com ele o óleo de amendoim, de girassol, de milho, de algodão, de oliva, óleo de côco, de açafrão, de colza, para mencionar apenas os mais importantes. Tem também as gorduras animais como a banha de porco e os graxos de origem bovina. Quer dizer então que o preço de óleo de soja pode estar na dependência do preço do óleo de amendoim? E, conseqüentemente, tem o preço da



soja algo a ver com o preço do amendoim, girassol, mamona, babaçu, colza, algodão e açafrão. Exatamente, os altos preços que vigoraram no ano passado no mercado internacional de óleo de soja são em sua grande parte decorrência das frustrações das safras de girassol, na Rússia e amendoim na Índia e na África.

E o problema do farelo? Bem, o farelo não é como o óleo um produto de consumo final. Ele é utilizado como componente proteico nas rações para animais, especialmente o gado, suínos e aves. Cabe, pois, a mesma pergunta relativa ao óleo de soja. É o farelo de soja o único produto rico em proteína vegetal? Não. Embora seja um dos mais importantes, ele tem muitos concorrentes. Quase todas as oleaginosas mencionadas, são também importantes fornecedoras de farelo rico em proteínas. Conseqüentemente, os seus preços podem refletir-se nos preços do farelo de soja e por sua vez no próprio grão. Mas a pergunta ainda pode ser estendida: são as oleaginosas a única fonte de proteína para rações? Absolutamente. Além das proteínas de origem vegetal existem aquelas de origem animal, entre as quais se destaca a farinha de

peixe (anchova), cujo maior produtor mundial é o Peru, que chegou a exportar 2.000.000 de toneladas em 1970.

Mas há outros fatores a considerar. A procura de comportamento do mercado dos produtos finais, que são as carnes de toda espécie, leite e ovos. Uma redução na demanda da carne bovina, pode se refletir nos farelos, repercutindo, conseqüentemente no preço do grão.

E para completar toda essa problemática de reflexo com origem direta ou indireta nos preços, há também uma gama de problemas imprevisíveis como a crise do petróleo no Oriente Médio, frustração na produção de girassol da Rússia, o desaparecimento da anchova na costa do Peru, a seca e a neve fora de época que frustraram partes da safra americana de 1974, acarretando profunda repercussão e cujas conseqüências influíram na comercialização da soja brasileira, exatamente quando o grosso da nossa produção já estava comprometida.

Observa-se assim, pelo menos em parte, a complexidade do problema e os condicionamentos a que está sujeita qualquer tentativa de previsão.

COOPERATIVISMO TAMBÉM NA COMUNICAÇÃO

A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre foi fundada no dia 24 de agosto de 1974, por 66 profissionais. Hoje já são 120 e, além de jornalistas, podem ser cooperativados os estudantes das faculdades de Comunicação, publicitários e profissionais liberais (o número destes não pode exceder a um terço do total). Para se cooperativar, é necessá-

rio subscrever quotas - no mínimo uma, no valor de Cr\$ 350,00.

A Cooperativa presta serviços de assessoria de imprensa, edita "housse-órgãos", o Jornal do Inter, e tem como meta editar um semanário em Porto Alegre. A sede é na Rua Comendador Coruja, 372, fone 24-0652, na capital do estado.

CARTAS

INTELECTUAIS FALAM DA CAMPANHA HIPÓLITO DA COSTA E DOS PADRÕES DO COTRIJORNAL

O COTRIJORNAL focalizou em várias de suas edições, a vida e a obra de Hipólito José da Costa, patrono da Imprensa Brasileira. Uma de suas edições — a de nº 8, que circulou em março de 1974 — chegou a ter lançamento solene na Associação Riograndense de Imprensa, com a presença do diretor-presidente da COTRIJUI e do mundo intelectual do estado, sediada em Porto Alegre. O COTRIJORNAL, que circulou com um caderno especial sobre Hipólito da Costa, no mês do bicentenário do seu nascimento, posteriormente lançou concurso de redação sobre o livro de Hipólito — Diário de Minha Viagem para Filadélfia — cujo prêmio foi uma viagem a Colônia do Sacramento e Pelotas, respectivamente, onde nasceu e criou-se o patrono.

Focalizamos a seguir, a respeito do assunto, dois depoimentos de intelectuais gaúchos: o professor e historiador Francisco Riopardense de Macedo e o presidente da Associação Riograndense de Imprensa, também professor, diretor da Faculdade de Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica, dr. Alberto André.

PRESIDENTE DA ARI

O professor Alberto André, ressaltando a viagem ao berço de Hipólito da Costa, assim se dirigiu ao presidente da COTRIJUI, eng. Ruben Ilgenfritz da Silva:

Senhor Presidente: temos a satisfação de nos dirigirmos a V. Excia, a fim de cumprimentá-lo pela realização da visita de comitiva da COTRIJUI, formada por representantes da cooperativa, professores e jornalistas, a Montivideu e Colônia do Sacramento, encerrando com iniciativa expressiva as comemorações do bicentenário de nascimento de Hipólito José da Costa, patrono da Imprensa Brasileira.

Queremos, nesta oportunidade, destacar mais uma vez a valiosa colaboração da COTRIJUI às comemorações, inclusive a que tornou possível a publicação da obra do patrono, "Minha Viagem para Filadélfia". Esta iniciativa e o concurso entre professores, aos quais a obra foi distribuída, representam importante ajuda cultural, que o COTRIJORNAL pôs em destaque em várias de suas edições.

Com a solicitação para que se digne de transmitir aos demais dirigentes e aos associados da COTRIJUI o reconhecimento da entidade dos jornalistas, reiteremos ao distinto Presidente os votos de felicidades e os protestos de elevado apreço. Alberto André, Presidente; Eloy Dias dos Anjos, 1º Secretário.

RIOPARDENSE DE MACEDO

O historiador e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Francisco Riopardense de Macedo, assim se dirigiu ao redator-responsável do COTRIJORNAL:

Meu caro amigo Raul Quevedo. Finalmente, depois de muitos meses, recebo, regularmente o seu magnífico COTRIJORNAL. Sabia da boa orientação que estava dando para uma folha de grande divulgação no meio agrícola; mas não sabia até onde pretendias elevar essa grande massa dos nossos irmãos que carecem de toda informação sobre comércio internacional e cultura geral.

Realmente, o COTRIJORNAL eleva. Eleva nos conhecimentos específicos da agricultura, eleva no entendimento do jogo financeiro internacional, eleva na experiência histórica de outros pioneiros do Rio Grande do Sul — o caso do patrono da Imprensa Brasileira — que passou boa parte de sua vida lutando pela agricultura do nosso estado.

Esse pioneiro do século XVIII, que nos deu lições até o século XIX — o patrono da Imprensa Brasileira — é um símbolo para os agricultores do nosso estado. Ele sempre pensou no seu Rio Gran-

de do Sul, e tudo o que aprendia nos Estados Unidos e na Europa queria aplicar nos pampas e para cá sempre desejou voltar.

Talvez em outra missiva eu tenha a possibilidade de fixar melhor opinião sobre o queridíssimo COTRIJORNAL. Acredito, no entanto, que já disse parte do muito que devo ainda dizer sobre ele. Um abraço do companheiro. Francisco Riopardense de Macedo.

COTRIJORNAL É EXCELENTE

A jornalista das Folhas de São Paulo e professora de folclore vinculada à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Laura Della Mônica, em correspondência endereçada ao COTRIJORNAL disse:

É um excelente jornal. Sei que não é fácil fazer um jornal essencialmente técnico e que possa ser apreciado por pessoas estranhas ao assunto. Pois bem, o COTRIJORNAL consegue me prender. Parabéns. Laura Della Mônica.

PREFEITO DE PELOTAS

Sr. Raul Quevedo. M.D. Redator-Responsável do COTRIJORNAL. Temos a satisfação de apresentar a V. Sa., em nome do prefeito Ary Alcântara, os melhores agradecimentos pela gentil remessa do COTRIJORNAL. Reiteramos a V.Sa. protestos de apreço e consideração. Dr. Affonso Dêntice da Silva, chefe de Gabinete.

COPAGRIL, PARANÁ

Ao diretor do COTRIJORNAL: Prezados Senhor. Vimos por meio desta solicitar uma assinatura do COTRIJORNAL, o qual será de extrema valia para os engenheiros-agrônomo que constituem o corpo técnico desta cooperativa. Outrossim, comunicamos que estamos em via de lançamento do Informativo COPAGRIL e tão logo o mesmo entre em circulação, passaremos a enviá-lo a V. Sa.

Sendo o que tínhamos para o momento, aproveitamos o ensejo para reiterar nossos elevados protestos de estima e consideração, aliados aos cordiais SAUDAÇÕES COOPERATIVISTAS. Ass. Eng. Agr. Raul M. Lima. Departamento Técnico da COPAGRIL.

RIO GRANDE E PELOTAS

Do Sindicato dos Estivadores de Rio Grande e Pelotas recebemos: Sr. Raul Quevedo, Redator do COTRIJORNAL. Em nosso poder a edição nº 16 do COTRIJORNAL, referente ao mês de janeiro, que focalizou reportagem sobre o nosso Sindicato. A par de nossos agradecimentos pela reportagem, tomamos a liberdade de cumprimentar a V.Sa. pela excelente forma dada ao COTRIJORNAL, espelhando perfeitamente a capacidade criativa da empresa a que pertence.

Podemos dizer que a cidade de Ijuí tem um extraordinário órgão de imprensa que muito engrandece e evidencia o próprio município, moldado como é o COTRIJORNAL, dentro da técnica atualizada do mais elogiável padrão da informática. A administração deste Sindicato sentir-se-á honrada em receber sempre o COTRIJORNAL Com apreço e consideração. Sindicato dos Estivadores do Rio Grande/Pelotas, Arlindo Berneira Machado, diretor-presidente.

PAINEL COOPERATIVISTA

A Revista Painele Cooperativista, órgão de divulgação da Cooperativa de Crédito Mútuo dos Funcionários do Banco Nacional de Crédito Cooperativo — BNCC — editada no Rio de Janeiro: "O meu louvor e importância que dou ao excelente COTRIJORNAL estão comprovados à página 6 do Painele Cooperativista, edição de dezembro. Peço receberem também nossos agradecimentos. Rio, 3/3/75. João Vicente da Costa, redator-responsável.



DIRETOR DO DIÁRIO POPULAR ASSESSOR ESPECIAL DA SEC

O jornalista Clayr Lobo Rochefort, diretor do Diário Popular de Pelotas e que foi chefe de Gabinete do ex-vice-governador, sr. Edmar Fetter, é assessor especial do secretário da Educação e Cultura, professor Airton Santos Vargas.

Clayr Lobo Rochefort, jornalista e advogado, formado pela Faculdade de Direito de Pelotas, onde tem larga atuação nos quadros jurídicos, ainda responde pela assessoria jurídica da Associação dos Dirigentes de Jornais do Interior (ADJORI). Foi vereador e líder da bancada governista na gestão de

Edmar Fetter na Prefeitura de Pelotas e membro dos mais atuantes da Comissão Hipólito José da Costa, sediada em Porto Alegre.

Clayr Lobo Rochefort é casado com Iracema de Almeida Rochefort, também jornalista. O casal têm dois filhos. Na foto, o jornalista assessor especial da SEC, aparecendo com o ex-vice-governador Edmar Fetter e os deputados Fernando Gonçalves, então presidente da Assembléia Legislativa e Rubi Mathias Dihel, fotografados quando de visita à COTRIJUI, no dia 19 de outubro de 1973.

CAVALO CRIOULO TEM SELO NACIONAL

O equino crioulo, chamado o "pequeno grande cavalo das Américas", o baluarte do transporte do homem nesta parte do mundo e que, no caso particular do Brasil, representou o alicerce da fixação da nossa nacionalidade, chegou ao fim de 1974 com selo nacional. A Empresa de Correios incluiu em seus lançamentos de 1974 a figura ágil, forte, resistente e destemida desse quadrúpede tão vinculado às tradições gaúchas, numa es-

tampilha de Cr\$ 1,30. O desenho (foto) mostra um crioulo de lado sobre campo verde com horizonte amarelo em céu azul. De parabéns os crioulistas do Rio Grande do Sul e principalmente os pelotenses, que criaram e mantêm a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos, onde desenvolvem excelente trabalho de estudos genealógicos desse gigante dos pampas sul-americanos.



COTRIEXPORT S.A. - EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

ATA DE ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO

Em nossa edição anterior, divulgamos a constituição e consequente entrada em operação da COTRIEXPORT S.A., empresa associada a COTRIJUI e que tem a finalidade de operar no ramo do comércio da soja e seus derivados bem como em setores correlatos. A nova empresa tem sede em Porto Alegre, à rua dos Andradas, 1560 - 17º andar - Galeria Malcom.

A seguir, para conhecimento de nosso quadro social e demais interessados, o texto *ipsis literis* da ata de constituição da empresa:

Aos 14 (quatorze) dias do mês de janeiro de 1975, (hum mil, novecentos e setenta e cinco), às 10 (dez) horas, no prédio sito à Rua dos Andradas, 1560 - 17º andar, na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, reuniram-se os subscritores do capital de COTRIEXPORT S.A. - EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO, em organização, para deliberarem sobre a constituição da sociedade.

Assinada a folha de presença e conferido o boletim de subscrição de ações, verificou-se o comparecimento da totalidade dos subscritores, a saber: COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA., estabelecida à Rua José Hickenbick, nº 66, na cidade de Ijuí, Estado do Rio Grande do Sul, inscrita no CGC/MF sob nº 90.726.506/0001, neste ato representada pelo seu Presidente Sr. Ruben Ilgenfritz da Silva, brasileiro, casado, Engenheiro Agrônomo, residente e domiciliado à Av. David José Martins, nº 570 - na cidade de Ijuí (RS), portador da Carteira de Identidade nº 327.650, expedida pelo Departamento de Polícia Civil do Rio Grande do Sul, inscrito no CPF/MF sob nº 056.268.970, e pelo seu Vice-Presidente Sr. Arnaldo Oscar Drews, brasileiro, casado, ruralista, residente e domiciliado à Rua Albino Brendler nº 759 - na cidade de Ijuí (RS), portador da Carteira de Identidade, nº 752.239, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF do MF sob nº 029.619.460; ALDAYR HEBERLE, brasileiro, casado, do comércio, residente e domiciliado à Praça Dom Feliciano, 126 - apto. 211 nesta Capital, portador da Carteira de Identidade nº 234.903, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF do MF sob nº 000.873.270/15; MARLY JOSÉ PIAS, brasileiro, casado, do comércio, residente e domiciliado à Rua Presidente Juarez, nº 60 - apto. 201 - nesta capital, portador da Carteira de Identidade nº 260.517, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF/MF sob nº 013.197.950; JOÃO AUGUSTO BIRKHAN, brasileiro, casado, do comércio, residente e domiciliado à Rua Honório Silveira Dias, 1825 - apto. 904 - nesta Capital, portador da Carteira de Identidade sob nº 390.991, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF do MF sob nº 004.347.440; EDWARD ROY MAYNARD HAYBITTLE, brasileiro, casado, do comércio, residente e domiciliado à Rua Engº Antônio Rebouças, 167 - nesta Capital, portador da Carteira de Identidade nº 178.064, expedida pelo Departamento de Polícia Civil do Rio Grande do Sul, inscrito no CPF/MF sob nº 000.891.500, neste ato representado pelo seu bastante procurador Sr. Aldayr Heberle, brasileiro, casado residente e domiciliado à Praça Dom Feliciano, 126 - apto. 211 - nesta Capital, portador da Carteira de Identidade nº 234.903, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF/MF sob nº 000.873.270/15; JOSÉ MARIA LOPES MUNIZ, argentino, casado, do comércio, residente e domiciliado à Rua Mathias José Bins, 514 - nesta Capital, portador da Carteira de Identidade de Estrangeiro nº 931.931.047, expedida pela Delegacia de Estrangeiros de Porto Alegre (RS), com permanência legal no país, inscrito no CPF/MF sob nº 185.006.410; A. HEBERLE EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÃO LTDA., sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com Contrato Social de Constituição arquivado na MM. Junta Comercial do Rio Grande do Sul em 7 de novembro de 1969, sob nº 242.428, e inscrita no CGC do MF sob nº 92.946.813/0001-97, neste ato, representado pelo seu Diretor Superintendente Sr. Aldayr Heberle, anteriormente qualificado. Pelos presentes, foi aclamado o subscritor ALDAYR HEBERLE, para presidir a assembleia o qual convidou a MM. ARNALDO OSCAR DREWS, para secretariar os trabalhos da mesa, ficando assim constituída a respectiva mesa dirigente.

Declarando aberta a sessão, o presidente declarou que a Assembleia Geral de Constituição devia apreciar a seguinte ordem do dia: a) discussão e aprovação do projeto de estatuto; b) aprovação do boletim de subscrição do capital social; c) aprovação da constituição definitiva da sociedade; d) eleição dos membros da primeira Diretoria e Conselho Fiscal, com a fixação das respectivas remunerações; e) outros assuntos de interesse social.

Em continuação, o presidente determinou a leitura do projeto do estatuto social e do boletim de subscrição, cujo teor é o seguinte: COTRIEXPORT S.A. - EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO - ESTATUTO SOCIAL.

CAPÍTULO I - Da denominação, sede, objeto e duração.
Art. 1º - Sob a denominação de COTRIEXPORT S.A. - EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO é constituída uma sociedade por ações, de capital autorizado, que se regerá pelas disposições legais aplicáveis, pelo presente estatuto, e pelos atos normativos de seus órgãos administrador, deliberativo e fiscalizador. **Art. 2º -** A sociedade terá sede na cidade de Porto Alegre, na Capital do Estado do Rio Grande do Sul, à Rua dos Andradas, 1560, 17º andar, podendo, por decisão de sua diretoria constituir ou extinguir filiais, sucursais, agências, depósitos, escritórios, ou outros quaisquer estabelecimentos em qualquer localidade do território nacional ou do estrangeiro, bem como participar de outras sociedades de objetivos afins ou não. **Art. 3º -** O objeto social será a importação, exportação, industrialização, beneficiamento, comércio, e representações de produtos de origem agropecuária ou vegetal, siderúrgicos químicos, ferramentas e quaisquer atividades conexas ou correlatas que não dependem de autorização governamental específica, por conta própria ou de terceiros. **Art. 4º -** A sociedade durará o prazo indeterminado.

CAPÍTULO II - Do Capital e Ações - Art. 5º - O Capital autorizado será de Cr\$ 7.000.000,00 (sete milhões de cruzeiros), dividido em 700.000 (setecentos mil) ações nominativas no valor nominal de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) cada uma, sendo 400.000 (quatrocentas mil) ações ordinárias e 300.000 (trezentas mil) ações preferenciais. **§ 1º -** As ações serão emitidas e colocadas por valor igual ou superior ao nominal, por deliberação da Diretoria, ouvido previamente o Conselho Fiscal. **§ 2º -** Ao emitir e colocar as ações, a Diretoria, fixará o montante do Capital a ser subscrito e determinará o modo da respectiva integralização, em dinheiro, bens ou créditos, que poderá consistir, sendo em dinheiro, num pagamento único exigível no ato da subscrição, ou em pagamentos parcelados num máximo de 12 (doze) prestações mensais e sucessivas, caso em que a entrada não será inferior ao limite mínimo estabelecido pelo Conselho Monetário Nacional. **§ 3º -** A emissão de ações para integralização em bens ou créditos não dependerá de prévia aprovação pela Assembleia Geral. **§ 4º -** As ações serão emitidas e colocadas com preferência para os titulares de ações ordinárias, que deverão exercê-la na proporção do número de ações subscritas e integralizadas de que forem proprietários, no prazo de trinta (30) dias, contados da comunicação protocolada, com aviso de recebimento ou edital, a ser procedida pela Diretoria quando em emissão e colocação. Não exercida, a referida preferência transferir-se-á, nas mesmas condições, para os eventuais titulares de ações preferenciais, fica, porém, assegurada aos acionistas qualquer que seja a espécie de suas ações a preferência para a subscrição de ações emitidas nas condições a que se refere o parágrafo 3º (terceiro) do artigo 46 (quarenta e seis) da Lei nº 4.728 de 14 de junho de 1965. **§ 5º -** As ações preferenciais subscritas e integralizadas, assegura-

rão aos respectivos titulares prioridade na distribuição de dividendos não inferiores a 12% (doze por cento) ao ano e não conferirão direito a voto. **Art. 6º -** O Capital Social subscrito e integralizado no ato da constituição da sociedade é de Cr\$ 4.000.000,00 (quatro milhões de cruzeiros), dividido em 400.000 (quatrocentas mil) ações nominativas ordinárias.

§ 1º - As ações não poderão ser convertidas na forma " Ao portador ".

§ 2º - A circulação das ações ficará sujeita às seguintes limitações: I - O acionista que pretender alienar, no todo ou em parte, as respectivas ações, deverá disso notificar por escrito a sociedade, que por sua vez, dará ciência do fato, também por escrito, aos demais acionistas, para que estes possam exercer direito de preferência à aquisição das ações; II - Havendo mais de um interessado na aquisição das ações, cada um exercerá direito de preferência à aquisição de um número, de ações oferecidas, proporcional ao número de ações integralizadas de que for titular no Capital Social; III - Decorrendo o prazo de 90 (noventa) dias da notificação à sociedade sem que o acionista retirante tenha recebido desta comunicação do interesse de outros acionistas em exercer direito de preferência ficará aquele livre para alienar suas ações a quem lhe aprobever. IV - Operando-se a transferência da propriedade de ações entre acionistas, deverá ser efetuada no prazo máximo de 30 (trinta) dias, contando da data do recebimento da comunicação de que trata o inciso anterior, sob pena de perda, pelo acionista ou acionistas candidatos à aquisição, do direito de preferência. O valor da transferência da propriedade de ações entre acionistas não poderá ser superior à importância do quociente de divisão do ativo líquido da sociedade pelo número de ações por ela emitidas, nem o respectivo pagamento ser efetuado a prazo maior de 6 (seis) meses. **§ 3º -** A Sociedade poderá emitir títulos múltiplos de ações ou cautelas que as representem, satisfizes os requisitos legais, a pedido dos acionistas interessados e às expensas dos mesmos.

CAPÍTULO III - Da Administração - Art. 7º - A Sociedade será administrada por uma Diretoria composta de 2 (dois) membros, acionistas ou não, residentes no país. **§ 1º -** Os membros da Diretoria serão o Diretor Operacional e Diretor Administrativo e Financeiro. **§ 2º -** Os Diretores serão eleitos pelo período de 1 (hum) ano, em assembleia geral, permanecendo nos respectivos cargos até o exercício dos mesmos sucessores. **§ 3º -** Os Diretores poderão ser reeleitos. **§ 4º -** Os Diretores perceberão a remuneração que lhes foi atribuída pela Assembleia Geral. **§ 5º -** Os Diretores, como garantia da responsabilidade de sua gestão, deverão cautionar 100 (cem) ações da Sociedade, próprias ou não. **Art. 8º -** Nos casos de impedimento, ou vaga, os Diretores serão substituídos um pelo outro, ou ambos por pessoas de reconhecida capacidade e de notória idoneidade, designada pela Assembleia Geral, para desempenhar o cargo até o término dos mandatos dos Diretores substituídos. **Art. 9º -** Nos casos de ausência temporária, os Diretores serão substituídos um pelo outro, ou cada um deles por pessoa que tiver designado para tal finalidade. **Art. 10º -** Compete a qualquer dos Diretores a representação ativa e passiva, judicial e extra-judicial da sociedade, bem como a prática dos atos necessários ao regular funcionamento daquela, observada, no plano interno, a discriminação funcional prevista no artigo 7º, parágrafo 1º. **§ 1º -** Será permitido aos Diretores, conjuntamente: I - Constituir, em nome da Sociedade, mandatários ou procuradores, especificando no instrumento os atos e operações que poderão praticar; II - Hipotecar, empenhar, alienar, ou de outro modo, gravar bens sociais, a referente da Assembleia Geral. **§ 12º -** Será vedado aos Diretores: I - Praticar atos de liberalidade à custa da Sociedade; II - Assinar documentos ou operar atividades alheias ao interesse social, que possam, uns e outras, acarretar prejuízo para a Sociedade. **Art. 11º -** As atribuições do Diretor Operacional e do Diretor Administrativo e Financeiro, serão estabelecidas e eventualmente alteradas em reunião da Diretoria.

CAPÍTULO IV - Da Assembleia Geral. Art. 12º - A Assembleia Geral reunir-se-á ordinariamente nos quatro primeiros meses após o término do exercício social, e extraordinariamente, sempre que necessários. **Art. 13º -** A Assembleia Geral, Ordinária ou Extraordinária, será convocada de acordo com as formalidades da legislação aplicável e presidida por um Acionista da Sociedade de escolha da Assembleia que completará a constituição da mesa dirigente dos trabalhos mediante escolha de um acionista para desempenhar a função de secretário. **Art. 14º -** As deliberações da Assem-

bléia Geral serão tomadas por maioria absoluta de votos, ressalvadas as exceções previstas em lei e não computados os votos em branco. **§ Único -** A cada ação corresponderá um voto nas deliberações da Assembleia Geral, ressalvadas as ações preferenciais cuja emissão não atingir metade do capital social.

CAPÍTULO V - Do Conselho Fiscal - Art. 15º - A sociedade terá um Conselho Fiscal composto de 3 (três) membros titulares e outros tantos suplentes, acionistas ou não, residentes no país, eleitos anualmente pela Assembleia Geral Ordinária, que lhes fixará a remuneração permitida a reeleição. **Art. 16º -** O Conselho Fiscal desempenhará as incumbências legais devendo os Diretores, nos casos de impedimento ou vaga de Conselheiros titulares, convocar os respectivos suplentes que, enquanto em exercício, perceberão a remuneração que caberia aos substituídos.

CAPÍTULO VI - Do exercício social, da destinação dos lucros da reserva legal. Art. 17º - O exercício social, coincidirá com o ano civil. **Art. 18º -** Encerrado o exercício social, proceder-se-á ao lavamento do respectivo balanço, na forma da lei. **Art. 19º -** Os lucros líquidos verificados em balanço serão destinados como segue: I - 5% (cinco por cento), como dedução prioritária, para a constituição do fundo de reserva legalmente previsto para assegurar a integridade do capital, até o limite de 20% (vinte por cento) deste; II - O restante, para as finalidades determinadas pela Assembleia Geral dos Acionistas, que fixará o dividendo a ser constituído mediante proposta da Diretoria e parecer do Conselho Fiscal.

CAPÍTULO VII - Da Liquidação - Art. 20º - A Sociedade será dissolvida, liquidada e extinta nos casos previstos em Lei, cabendo à Assembleia Geral determinar o modo de liquidação, bem como nomear o liquidante e o Conselho Fiscal que deve funcionar durante o respectivo período.

CAPÍTULO VIII - Das Disposições Gerais - Art. 21º - A Sociedade será obrigatoriamente submetida a auditoria externa pela mesma entidade que prestar tal serviço à Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda., sociedade cooperativa, sediada na cidade de Ijuí, Estado do Rio Grande do Sul, à Rua José Hickenbick, nº 66.

BOLETIM DE SUBSCRIÇÃO DO CAPITAL SOCIAL DE COTRIEXPORT S.A. - EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO. Subscritores:

1. COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA., subscrive 200.000 (duzentas mil) ações ordinárias nominativas no valor total de Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros), integralizando neste ato a importância de Cr\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros) em dinheiro, moeda corrente nacional; 2. A. HEBERLE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO LTDA. subscrive 180.000 (cento e oitenta mil) ações ordinárias nominativas no valor total de Cr\$ 1.800.000,00 (hum milhão e oitocentos mil cruzeiros), integralizando neste ato a importância de Cr\$ 270.000,00 (duzentos e setenta mil cruzeiros), em dinheiro, moeda corrente nacional; 3. ALDAYR HEBERLE, subscrive 4.000 (quatro mil) ações ordinárias nominativas no valor total de Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros) integralizando, neste ato, a importância de Cr\$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros) em dinheiro, moeda corrente nacional; 4. MARLY JOSÉ PIAS, subscrive 4.000 (quatro mil) ações ordinárias nominativas no valor total de Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros), integralizando neste ato a importância de Cr\$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros) em dinheiro, moeda corrente nacional; 5. - JOÃO AUGUSTO BIRKHAN, subscrive 4.000 (quatro mil) ações ordinárias nominativas no valor total de Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros), integralizando neste ato a importância de Cr\$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros), em dinheiro, moeda corrente nacional; 6. - EDWARD ROY MAYNARD HAYBITTLE, subscrive 4.000 (quatro mil) ações ordinárias nominativas no valor total de Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros), integralizando neste ato a importância de Cr\$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros), em dinheiro, moeda corrente nacional; 7. - JOSÉ MARIA LOPES MUNIZ, subscrive 4.000 (quatro mil) ações ordinárias nominativas no valor total de Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros) integralizando neste ato a importância de Cr\$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros), em dinheiro, moeda corrente nacional; A seguir, o presidente colocou em discussão os referidos documentos, não havendo manifestação dos presentes, o presidente os encaminhou à votação, verificando-se terem sido aprovados, por unanimidade, na forma da transcrição acima. Em seguida, o presidente comunicou ter sido efetivado o depósito bancário das importâncias correspondentes à 15% (quinze por cento) do capital subscrito, na forma da lei. Em se-

guimento, o presidente declarou definitivamente constituída a COTRIEXPORT S.A. - EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO, para todos os efeitos de direito, lembrando a à assembleia a necessidade de serem escolhidos os primeiros membros da Diretoria e do Conselho Fiscal, bem como fixada a correspondente remuneração. Procedida a votação, constatou-se terem sido eleitos, por unanimidade, para o cargo de Diretor Operacional o Sr. ALDAYR HEBERLE, brasileiro, casado, do comércio, residente e domiciliado à Praça Dom Feliciano, 126 - apto. 211 - nesta Capital, portador da Carteira de Identidade nº 234.903, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF/MF sob nº 000.973.270/15, e para o cargo de Diretor Administrativo e Financeiro o Sr. LÓVIS ADRIANO FARINA, brasileiro, casado, ruralista, residente e domiciliado à Rua Andrade Neves, 165, na cidade de Rio Grande (RS), portador da Carteira de Identidade nº 61.292, expedido pelo DPC/RS, inscrito no CPF/MF sob nº 010.133.350; para os cargos de Conselheiros Fiscais efetivos, os Srs. JOÃO CARLOS FLECK, brasileiro, casado, ruralista, residente e domiciliado a Rua Serafim Fagundes, 1164, na cidade de Ibirubá (RS), portador da Carteira de Identidade nº 34.685, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF/MF sob nº 012.946.010; HERMANN STROBEL, brasileiro, casado, ruralista, residente e domiciliado à Rua da Holanda, 389, na cidade de Panambi (RS), portador da Carteira de Identidade nº 28.093, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF/MF sob nº 050.131.600; e o Sr. ALBERTO SABO, brasileiro, casado, do comércio, residente e domiciliado à Rua 13 de Maio, 526, na cidade de Ijuí-RS, portador da Carteira de Identidade nº 827.826, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF DO MF sob nº 007.347.770; e para os cargos de Conselheiros Fiscais suplentes, os Srs. HERBERT HINTZ, brasileiro, casado, do comércio, residente e domiciliado à Rua 13 de Maio, nº 538 - na cidade de Ijuí (RS), portador da Carteira de Identidade nº 801.580, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF do MF sob nº 043.130.030; NELCY ROSPIDE NUNES, brasileiro, casado, do comércio, residente e domiciliado à Rua Epitácio Pessoa, 999 - na cidade de Novo Hamburgo (RS), portador da Carteira de Identidade nº 6.790.198, expedida pela DICC/SP, inscrito no CPF/MF sob nº 034.368.538; JOÃO AUGUSTO BIRKHAN brasileiro, casado, no comércio, residente e domiciliado à Rua Honório Silveira Dias, 1825 - apto. 904 - nesta Capital, portador da Carteira de Identidade nº 390.991, expedida pelo DPC/RS, inscrito no CPF/MF sob nº 004.347.440. Também por decisão unânime, foram estabelecidas como remuneração mensal aos Diretores, os limites máximos fiscais permitidos pela legislação do Imposto de Renda e de Cr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros) anuais para cada um dos membros do Conselho Fiscal. Em prosseguimento, o presidente pôs a palavra à disposição de quem dela quisesse fazer uso; ninguém se pronunciando, o presidente declarou encerrados os trabalhos da Assembleia Geral de Constituição, suspendendo a sessão pelo tempo necessário à lavratura da presente ata, que depois de lida, achada conforme e aprovada por todos os presentes, vai assinada pelo presidente, por mim secretário, pelos acionistas e duas testemunhas, dela extraído-se 5 (cinco) cópias autênticas para fins de direito, Porto Alegre, 14 de janeiro de 1975. ALDAYR HEBERLE Presidente da Assembleia. ARNALDO OSCAR DREWS - Secretário da Assembleia. A. HEBERLE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO. LTDA.

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA. ALDAYR HEBERLE. MARLY JOSÉ PIAS. JOÃO AUGUSTO BIRKHAN, pp. EDWARD ROY MAYNARD HAYBITTLE. JOSÉ MARIA LOPES MUNIZ. Testemunhas: ANTONIO SELSO MULLER e NID GERALDO CHALART DE LEON. As firmas estavam reconhecidas na forma da lei. JUNTA COMERCIAL DO RIO GRANDE DO SUL. O presente exemplar é de igual teor ao arquivado nesta Junta Comercial sob nº 399.589, em sessão DESTA DATA. Porto Alegre, 28 de janeiro de 1975. Alício Thomaz, Coord. Unidade Registro do Comércio.

COTRIEXPORT S/A.

Rua dos Andradas, 1560 - 17º andar
Galeria Malcom.
PORTO ALEGRE - RGS

HOWARD FA DE SAC



O CASO SACCO E VANZETTI

Cerca das três horas do dia 15 de abril de 1920 na cidade de South Braintree, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, um caixa pagador e um guarda da fábrica de calçados Slater & Morrill, foram assassinados a sangue-frio por dois assassinos que dispararam seus revólveres a queima-roupa, sem terem dado oportunidade às vítimas de se renderem ou de fugirem.

Consumado o crime, os dois assassinos recolheram 15.776 dólares que estavam acondicionados dentro de duas caixas de metal e puseram-se em fuga num automóvel que estava esperando em ponto estratégico, com essa finalidade. O dinheiro roubado destinava-se ao pagamento dos empregados da fábrica de calçados.

Dois dias mais tarde, o carro usado para a fuga dos assassinos foi encontrado abandonado numa floresta próxima a South Braintree, e a polícia

encontrou marcas de um carro pequeno afastando desse local. Ficou claro que um segundo carro fora ao encontro dos criminosos, levando-os para longe, por certo para lugar seguro.

No mesmo momento a polícia estava investigando um crime com características semelhantes na cidade de Bridgewater, não muito distante de South Braintree. Coincidentemente, os dois crimes foram relacionados um com o outro pelo fato de, em ambos os casos, um carro ter sido usado e também em ambos os casos alguns observadores terem manifestado a opinião de que os criminosos eram italianos.

Três semanas após a ocorrência do primeiro crime, às primeiras horas da noite de 5 de maio, dois imigrantes italianos são presos no interior de um bonde e levados à chefatura mais próxima. Os presos são Nicola Sacco e Bartolomeu

Vanzetti; o primeiro deles de profissão sapateiro e o segundo, padeiro, ocupando-se como biscoiteiro na venda de peixes, à época dos crimes.

A meia noite de 22 de agosto de 1927, Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti, mais Celestino Madeiros, este último cúmplice confesso da gang que assassinou os funcionários da fábrica Slater & Morrill, foram executados na cadeira elétrica.

Com as mortes dos condenados, após um período de sete anos (eles haviam sido condenados à morte em 14 de junho de 1921) em que a execução da sentença foi adiada por diversas vezes, encerrou-se o rumoroso caso que sensibilizou o mundo inteiro, motivando movimentos de protestos de políticos e intelectuais.

Esta a história; estes os fatos conforme eles realmente aconteceram.

Howard Fast, consagrado escritor norte-americano, escreveu "The Passion of Sacco and Vanzetti", editado em versão brasileira sob o título de Sacco e Vanzetti — Dois Mártires da Luta pela Liberdade.

Para Howard Fast, Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti eram inocentes. Morreram na cadeira elétrica como o desfecho de uma trama trágica, criada e friamente executada em face do clima de histerismo, resultado do pós-guerra e da inflação que se seguiu e dos êxitos da revolução bolchevista russa, a partir de 1917.

"The Passion of Sacco and Vanzetti", obra de ficção, relata a prisão, processo e execução dos acusados, bem como a de um dos criminosos confessos do assassinato de South Braintree, o chicano Celestino Madeiros. O autor coloca-se na posição de um professor de Direito Criminal, que a despeito da má vontade do Corpo Docente e principalmente do presidente da Universidade, analisa os antecedentes e a projeção do caso Sacco-Vanzetti à luz da jurisprudência e em face dos princípios da moral, para os estudantes da própria Universidade. Sua última conferência da série chamada "Memorial de Roger Williams", na ficção de Howard Fast, ocorre no dia

marcado para a execução dos condenados. Graças a um trabalho de pesquisa literária feito pela redação do COTRIJORNAL, damos a seguir um resumo da conferência do professor: "Às nove menos dez, na manhã de 22 de agosto (de 1927), o Professor, que também era um dos advogados mais famosos do país, atravessou o gramado em direção ao edifício da Faculdade de Direito, onde faria a sexta e última conferência da série que estava dando para o curso de verão. Aquela era a primeira vez que lecionava durante o verão e, no decorrer daquelas longas e quentes semanas, sentira-se constantemente dividido entre o desejo de umas férias autênticas nas montanhas ou na praia e um sentimento de alívio pelo fato de poder, afinal, estar ali, em Boston, vendo e observando os desenvolvimentos finais do caso Sacco e Vanzetti.

Só raramente ele se permitia reconhecer, mesmo a si próprio, quanto esse caso significava para si: e isso devia-se a haver um certo perigo em admitir esse fato — mesmo a si próprio. Quando, contudo, era provocado por essa ou aquela razão a aceitar o caso Sacco — Vanzetti como uma força central na sua existência quotidiana, sua fúria contracertas forças tornava-se quase incontrolável.

Isso talvez o perturbasse mais do que qualquer outra coisa. Desde os seus tempos de jovem o Professor decidira, sólida e determinadamente, evitar a ira incontrolável, fosse qual fosse a situação.

Todavia, naquela manhã, tão especial e tranqüila, mas particularmente trágica, sua ira estava bem presente. Era como uma mola de aço comprimida dentro de seu coração. Na tarde do dia anterior ouvira dizer que o Presidente da Universidade onde ele lecionava, que também era o presidente de uma comissão assessora que investigara aquele caso, dirigira-se a ele de modo singularmente desagradável.

O Presidente da Universidade referira-se a ele como "esse judeu".

Não havia o que quer que fosse de novo ou particularmente revelador no conhecimento que se tinha de que o Presidente da Universidade não gostava de judeus. É preciso acrescentar que o Presidente da Universidade tinha antipatia igual por quase todas as chamadas minorias raciais dos Estados Unidos. Mas sua antipatia se manifestava mais agressiva contra judeus e italianos.

O Professor era descendente de judeus; os condenados à morte eram italianos, imigrantes da Sicília.

O professor, apressando-se pelo gramado, estava consciente de todas essas coisas. Essa conscientização era como uma espora picando constantemente sua sensibilidade. Todas as coisas que o Presidente da Universidade era... o Professor Criminal não era. O Professor não era um "Yankee" na acepção da palavra; o Presidente da Universidade o era. Mesmo que pudesse exorcizar a própria consciência da sua formação não-Yankee, na Boston de 1927, sua aparência não lho teria permitido.

Muito bem, raciocinou ele, quando ainda atravessava o jardim do "campus". Eu descendo de judeus. Agora, este judeu vai fazer uma coisa corajosa ou simplesmente estúpida; vai fazer sua última conferência, dar sua última aula da série, e o assunto será o caso Sacco-Vanzetti.

Quando o Professor entrou no edifício da Faculdade de Direito encontrou três jornalistas que o esperavam. Estes perguntaram-lhe se era verdade que sua última conferência da Série Williams seria dedicada ao caso Sacco Vanzetti.

É verdade — respondeu ele, falando com certa rispidez. Adianta que não tenho declarações a fazer. Se os senhores desejarem ouvir minha conferência, poderão fazê-lo.

ST E A INOCÊNCIA CO E VANZETTI

O convite fora generoso e os três jornalistas seguiram o Professor até a sala de conferências. Já havia no local cerca de 300 estudantes. Suas conferências tinham sido muito frequentadas durante todo o verão. A ironia e as palavras insínavas do advogado, que o tornaram tão temido e mesmo odiado por certas pessoas, também lhe granjearam a maior admiração por parte de outras.

Pelo menos — pensou ele ao tomar seu lugar no pódio — os estudantes não me odeiam. O Professor curvou-se para a frente, observou os rostos jovens que o olhavam com visível ansiedade e disse: vamos agora iniciar a última de nossas conferências sobre a teoria das provas criminais. Durante as últimas semanas, abordamos um grande número de casos extraídos, poderíamos dizer, do museu da fama ... por vezes da infâmia. Esses casos pertencem ao passado. Hoje, contudo, vou apresentar um caso que pertence ao presente.

O fato de hoje ser o dia 22 de agosto torna esta situação específica; num assunto de real importância. Hoje é o dia destinado pelo Governador deste estado (Massachusetts) para a execução de Sacco e Vanzetti, os dois agitadores italianos que aguardam seu fim nas celas da morte.

Discutir as provas usadas para condenar esses dois homens tão poucas horas antes de sua sentença ser executada, poderá ser considerado por alguns como algo de pouco delicado e até ilícito. Todavia, não tomei esta decisão sem antes pensar bem no assunto e não considero que seja nem delicado nem ilícito. Qualquer estudo da história deve ocupar-se tanto com os vivos quanto com os mortos.

Um bom advogado é um homem consciente de ser uma parte do progresso da história.

O dia de hoje não é igual a qualquer outro dia. Não é mesmo outro dia que eu possa recordar em toda a minha vida. Hoje é um dia que deverá ser destacado, recordado e tornado memorável por um triste golpe desfechado sobre todos aqueles que amam a Justiça e que acreditam verdadeiramente na liberdade de consciência do homem. Assim o que aqui vou dizer terá importância muito especial.

Como todos vocês sabem disse o Professor, olhando fixamente sobre as centenas de cabeças que lotavam o imenso salão de conferências da Universidade — os acontecimentos que conduziram a esta execução pendente por algumas horas, começaram há pouco mais de sete anos, no dia 15 de abril do ano de 1920, na cidade de

South Braintree, Massachusetts.

Nesse dia, Parmenter, um caixa pagador, e Berardelli, que era o guarda do caixa, foram mortos a tiros por dois homens armados. As armas usadas foram pistolas. O caixa e o guarda estavam transportando duas caixas que continham o dinheiro da folha de pagamento da fábrica de calçados Slater & Morrill, uma quantia de 15.776 dólares.

Durante o julgamento dos condenados, 59 testemunhas de acusação compareceram, convocadas pelo estado de Massachusetts. Seu testemunho incluía declarações no sentido de que os acusados tinham sido vistos em South Braintree na manhã do dia do assassinato, de que tinham reconhecido Sacco como um dos assassinos e Vanzetti como um dos homens que ficaram dentro do carro. Por outro lado, as testemunhas de defesa proporcionaram alibis para ambos os acusados. Testemunhas juraram que, em 15 de abril, Nicola Sacco estava em Boston, adotando medidas para obter passaporte para a Itália. Estas testemunhas foram confirmadas em seus depoimentos por funcionários do consulado italiano. Um funcionário chegou a fornecer detalhes: Sacco estivera no consulado às 14,15 horas, quer dizer, no mesmo instante em que se concretizou o crime de South Braintree. As testemunhas de defesa de Bartolomeo Vanzetti declararam que, em 15 de abril — dia do crime ele estava exercendo sua atividade de vendedor de peixe a uma boa distância de South Braintree, no exato momento em que ocorreu o duplo homicídio. Testemunha após testemunha afirmou, sob juramento, que teria sido completamente impossível que Sacco ou Vanzetti estivessem envolvidos no crime cometido em South Braintree.

Haviam testemunhas que acusavam e haviam testemunhas que inocentavam-nos. Poder-se-á, supor, em face do impasse, que o julgamento dos acusados teria que obedecer um desenrolar sensato, pelo menos. Todavia, o problema não foi tão simples, nem as pessoas são tão sensatas quanto se supõe.

Não examinarei, nem poderei fazê-lo, no curto espaço de tempo que disponho, a natureza das afirmações de cada testemunha ou mesmo o caráter daqueles que acusaram Sacco e Vanzetti. Desejo, entretanto, estabelecer aqui certas condições gerais sobre a confiança que mereceu o juramento de pessoas iradas ou cheias de preconceitos. Uma das testemunhas, por exemplo, realizou uma proeza extraordinária em poderes de observação, memória e reminiscência. Vale a pe-

na repetir aqui esse depoimento, em virtude de ser típico do modo pela qual foram obtidas as identificações de Sacco e Vanzetti, como sendo realmente os criminosos. O nome dessa testemunha é Mary E. Splaine. Pouco depois do crime ter sido cometido, a agência de detetives Pinkerton mostrou à "miss" Splaine uma série de fotografias de criminosos e "miss" Splaine selecionou a fotografia de um tal de Tony Palmisano como sendo um dos bandidos que vira dentro do carro. Todavia, 14 meses depois, identificou Nicola Sacco como a pessoa que vira dentro do carro.

As circunstâncias da sua observação original do crime também são igualmente interessantes. Estava trabalhando no segundo andar de um edifício, do outro lado da rua onde o crime foi cometido. Quando escutou os tiros, deixou o seu trabalho e saiu correndo até a janela. Podemos imaginar com que excitação ele fez isso. Quando chegou junto da janela, o carro já estava se afastando e, assim, apenas conseguiu vê-lo por alguns segundos, antes que desaparecesse totalmente. Mas 14 meses mais tarde, depois de ter visto o carro durante um breve instante, vejamos como ela exorcizou seus poderes de recordação, como testemunha de acusação. Cito aqui, o registro de suas declarações feitas no tribunal.

PERGUNTA: A senhora poderá descrevê-lo para estes senhores do júri?

RESPOSTA: É claro. Tratava-se de um homem que eu diria ser um pouco mais alto do que eu. Pesava possivelmente entre 70 a 80 quilos. Era um homem musculoso, de aspecto muito ativo. Notei, particularmente, sua mão esquerda, que era muito grande, mão essa que denotava força ou um ombro que ...

PERGUNTA: E onde viu essa mão?

RESPOSTA: Era a mão esquerda e estava apoiada sobre o banco da frente. Ele estava vestindo algo de tom cinza, que penso ser uma camisa, sim, um, cinza azulado ... e o seu rosto era o que se costuma chamar de feições regulares, bem desenhadas, embora fosse estreito, um pouco estreito, sim. Tinha a testa bem alta e o cabelo puxado para trás. O cabelo podia ter poucos centímetros de comprimento e as sobrancelhas do homem eram muito escuras enquanto sua pele era pálida, de tom estranho, talvez esverdeado.

Essa foi a declaração da testemunha sobre o que vira em poucos segundos, um ano e dois meses antes. Além do mais durante essa reminiscência, identificou Nicola Sacco como

o homem que ela vira. Qualquer pessoa normal, quer dizer, sensata, diria normalmente que uma tal recordação nas circunstâncias em que ocorre, bem como uma identificação dessas não somente seria impossível, mas até certo ponto, uma verdadeira monstruosidade. Uma identificação monstruosa é ainda melhor explicada através da experiência de um tal Lewis Pelser.

Da mesma forma como acontecera com a senhorita Splaine, Pelser, de início, não identificou Sacco e Vanzetti, mas tal como àquela, mais tarde deu provas de notáveis poderes de "rememoração". Quando Sacco e Vanzetti foram presos, Pelser foi levado pela polícia para ver os prisioneiros. Pelser declarou que não os identificava como os criminosos de South Braintree.

Em virtude disso, Pelser, que trabalhava para uma companhia de calçados associada com a firma Slater & Morrill (a firma que fora roubada), foi despedido subitamente e encontrou-se desempregado. Algumas semanas mais tarde, a sua memória pareceu despertar. Vol-

tou ao trabalho, na mesma firma e foi capaz de um dia para o outro, de identificar Sacco e Vanzetti como sendo os criminosos. Mas não foi o único a quem esse poder de "memória" aconteceu. Caso após caso a recordação e o desemprego estavam intimamente ligados. Por vezes, quando a arma do desemprego não podia ser usada, o Procurador Distrital e aqueles que trabalhavam com ele em tais assuntos, na sua ânsia de levarem os acusados à cadeia elétrica, usaram todas as formas de ameaças, tanto diretamente quanto por meio de insinuações. As vezes esse processo era tão descarado que ainda existem prova das ameaças, nos próprios registros do julgamento.

Na verdade, é amargo-fazer acusações como essas e enumerar conclusões como as que enumerei, mas elas são da maior importância no caso de Sacco e Vanzetti. A execução marcada para esta noite, é o resultado desse incrível e impiedoso julgamento.

Este é um pequenino resumo do livro de Howard Fast. Aqui termina a ficção.



Rosina Sacco e Luigia Vanzetti, esposas dos condenados.

OS ESTADOS UNIDOS NA DÉCADA DE 1920

Para se entender tanto o crime de South Braintree quanto o desfecho do julgamento dos acusados, é necessário recordar que o drama teve lugar durante um período específico, um estranho, e até certo ponto, estágio horrível da história dos Estados Unidos.

As paixões de todo o país estavam inflamadas pelas notórias prisões em massa que foram instituídas pelo procurador-geral Palmer. O povo, insuflado por uma propaganda anti-estrangeira, anti-minorias raciais representadas pelos imigrantes, via bolchevistas em toda a parte.

Essa situação de quase pânico coletivo, criou demônios barbudos que apareciam e desapareciam detonando bombas para destruir o "American way of life". Um operário que peçava aumento de salário com a finalidade de melhorar a alimentação e vestir sua família, era de pronto apontado como bolchevista e fichado na polícia como desordeiro e anarquista em potencial. Estranhamente ou não, a identidade dos bolchevistas e agitadores era identificada de imediato como americanos de origem estrangeira. Diariamente, os jornais de costa a costa estampavam machetes nesse sentido. Por consequência lógica, milhões e milhões de pessoas foram levadas a acreditar que havia

uma ameaça, um perigo iminente, contra a própria existência dos Estados Unidos como nação livre e soberana.

Num clima emocional dessa extensão, um crime particularmente brutal, cometido a sangue-frio, ocorreu na cidadezinha de South Braintree, no Massachusetts. A identificação dos criminosos, que desde o princípio levou a crer que fossem italianos, inflamou ainda mais os preconceitos do povo, levando-os ao paroxismo da ira coletiva. O povo de Massachusetts, insuflado por uma imprensa ultra-conservadora e ao mesmo tempo aproveitadora do sensacionalismo da época, exigiu a identificação e prisão dos criminosos.

A partir daquele momento, cada italiano ou seus descendentes, enfim, cada indivíduo que degustasse com voracidade um prato de macarrão, era um suspeito em potencial. O "suicídio" de Andréa Salsedo, um tipógrafo italiano que segundo a polícia jogou-se do 14º andar de um edifício da rua Park Row, para livrar-se do interrogatório policial, era a prova de perigo iminente para qualquer imigrante, e especialmente para os italianos.

Ante esse clima de verdadeira histeria, quaisquer que fossem os prisioneiros, teriam pago pelo crime de South Braintree.

SINDICAL

III ENCONTRO REGIONAL DO CONVÊNIO COTRIJUI-FIDENE

Com a presença dos sindicatos dos trabalhadores rurais de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana, Tupanciretã, Santo Augusto, Coronel Bicaco, Redentora, Braga, São Martinho e Tenente Portela, realizou-se a 26 de fevereiro, na FIDENE, o III Encontro Regional dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais da Área da COTRIJUI.

A finalidade do encontro, que foi dirigido pelo presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, foi ou-

vir o ponto-de-vista das lideranças sindicais da área sobre a modalidade de entrega da soja da safra e sua comercialização. Outros assuntos debatidos foram a assistência social e a prestação de serviços de natureza técnica aos quadros associativos das diversas cooperativas.

A diversificação da produção na região também foi assunto destacado pelas lideranças. Na oportunidade, o presidente da COTRIJUI discorreu sobre a atuação da cooperativa nos

diversos setores, sendo focalizado a política de industrialização da soja, como fator de valorização da matéria-prima já nas fontes de produção. A fábrica a ser construída em Rio Grande, na área do Terminal, com capacidade para a transformação de 1.000 toneladas de soja por dia além da fábrica de óleo Mucama, com capacidade de transformação de 150 toneladas dia, instalada em Ijuí, foram analisadas pelo dr. Ruben Ilgenfritz da Silva.

POSSE NO SINDICATO DE AUGUSTO PESTANA



Em solenidade realizada ainda no mês de janeiro, tendo por local a churrascaria Rodoviária, foram empossados os novos dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana, que tem na presidência o sr. Bruno Van Der Sand.

O ato de posse foi prestigiado pelo prefeito municipal, sr. Ary Hintz; por um representante da Federação dos Trabalhadores na Agricultura — FE-

TAG — pelo médico Orlando Dias Athayde, demais autoridades municipais, líderes rurais e convidados especiais.

A nominata total da diretoria empossada é a seguinte: presidente, Bruno Van Der Sand; secretário, Bruno Goergen; tesoureiro, Germonte Bernardi; suplentes da diretoria: Carlos Mário Ceribola, Walter Kogler e Delindo Scarton. Conselho Fiscal: Carlos Voigt, Alfredo Wildner e Alberto Antônio Bauer.

Suplentes: Alfredo Fritz, Edvino Maroski e Harri Reisdorf. Delegados junto a FETAG: o presidente Bruno Van Der Sand e o secretário Bruno Goergen. Os suplentes: Carlos Ceribola e Alfredo Wildner.

A diretoria anterior era encabeçada pelo sr. Helvin Zolinger. Na foto vista parcial da nova diretoria, quando prestava o juramento de praxe.

ASSEMBLÉIA GERAL EM VILA JÓIA

A 9 de março último, realizou-se na salão da comunidade de Vila Jóia, a assembléia geral ordinária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tupanciretã. Presentes autoridades do distrito, técnicos da

COTRIJUI e ao Convênio COTRIJUI-FIDENE, além de 160 agricultores associados.

Constavam da ordem do dia vários assuntos, destacando-se no

entanto a prestação de contas do exercício findo de 1974, que foi aprovada e o estudo para a localização no populoso distrito de agência de um estabelecimento de crédito, que será solicitada a quem de direito.

LANÇADA EM P. ALEGRE REVISTA DE ESPORTE

Foi lançada no início de março, em Porto Alegre, a revista "Hip Hurra", especializada em esportes amadores. Editada pela Dinâmica Empreendimentos Editoriais, a revista pro-

pões-se a preencher uma lacuna que realmente existia no setor esportivo do Rio Grande do Sul.

A "Hip Hurra" é dirigida por João Carlos Dutra, a frente de uma grande equipe de cola-

boradores. Promovendo a nova publicação, esteve há dias na redação do COTRIJORNAL o sr. Ivano Casagrande, diretor do Departamento de Publicidade da empresa jornalística.

LAVOURA AMERICANA POSSUI ALTA FERTILIDADE

Amostras de terra trazidas do Estado de IOWA, Estados Unidos, pela caravana COTRIJUI em sua viagem naquele país, em setembro-outubro de 1974, depois de analisada, apresentou alta fertilidade em nossos laboratórios.

A análise foi realizada pelo laboratório da Secretária da Agricultura e apresentou os seguintes dados:

TEXTURA. — O solo era argiloso, isto é, sem areia.

PH. — Variando de 6,9 e 7,5, portanto, neutro ou levemente alcalino.

Os nossos solos normalmente possuem PH em torno de 4,5 e 5,0, portanto, muito ácidos. Isto mostra a desvantagem que as nossas culturas encontram, considerando apenas a acidez do solo.

FÓSFORO. — Os teores de fósforo solúvel indicam 32 ppm contra 1 a 3 ppm de nossos solos.

POTÁSSIO. — Os teores de potássio indicam quantidade acima de 100 ppm. Algumas análises de nossos solos possuem

quantidade semelhante.

Em resumo o solo americano representado por estas duas amostras possui fertilidade muito superior ao nosso. A soja e o milho são culturas que respondem a alta fertilidade, isto é, transformam fertilidade em produtividade.

Experiência semelhante já existe nas terras do banhado do Colégio em Camaquã. Essas terras podem ser consideradas iguais às melhores do mundo. Nessa área foram obtidos rendimentos de 110 sacos de soja por ha em experimentos e de 70 sacos por ha em lavouras.

Esse rendimento de 70 sacos de soja por ha, também já foi conseguido nesta região em lavouras corrigidas. Destas informações deduz-se que a correção do solo através do emprego de calcário e adubo corretivo é indispensável para obtenção de altos rendimentos.

O Plano Nacional de Calcário instituído pelo Governo Federal, deverá facilitar ainda mais para que o agricultor melhore a fertilidade do seu solo.

EX-SECRETÁRIO DE ENERGIA DESPEDIU-SE DE IJUÍ

O ex-secretário de Energia e Comunicações, eng. Henrique Anawatte, antes de deixar o cargo por consequência da mudança de Governo, esteve em Ijuí com a finalidade de despedir-se dos amigos que possui nesta cidade.

Henrique Anawatte, que é Cidadão de Ijuí, honraria a

que fez juz em vista dos serviços relevantes que prestou a Ijuí no exercício de seu cargo a testa da Secretaria de Energia, Minas e Comunicações, esteve nesta cidade no dia 25 de fevereiro. Visitou a Prefeitura Municipal e a COTRIJUI, tendo à noite sido homenageado com um jantar servido no restaurante da Sociedade Recreativa.

SEMINÁRIO ENTRE BANCOS E COOPERATIVAS EM P. FUNDO

O Banco Lar Brasileiro, que é associado ao "The Chase Manhattan Bank, N.A.", promoveu no dia 11 de março na cidade de Passo Fundo, tendo por local o Turis Hotel, um seminário com as cooperativas da região.

O seminário preocupou-se em analisar as tendências da produção e consumo de cereais em face da Bolsa de Cereais de Chicago. Teve como palestrante o vice-presidente e diretor-técnico do estabelecimento americano, sr. Jonatham Tobey, que em outubro de 1973 esteve em Ijuí com idêntica finalidade. O sr. Tobey, estava acompanhado pelo sr. Julio Pena Gutierrez, diretor da Carteira Ru-

ral do Banco Lar Brasileiro; Bernd L. Ulrich, diretor do banco no setor São Paulo e o eng. agr. Augusto Menezes, do Banco Lar em Porto Alegre.

Após ter discorrido sobre os assuntos do seminário, com ênfase para o problema da soja — mercado e preços, o sr. Tobey submeteu-se às perguntas dos dirigentes de cooperativas presentes ao encontro, tendo a curiosidade geral se fixado no preço do produto, de que damos maiores detalhes à página dois desta edição.

A COTRIJUI esteve presente ao encontro de Passo Fundo na pessoa de seu diretor-vice-presidente, sr. Arnaldo Oscar Drews, acompanhado de um assessor.

SECRETÁRIO DA AGRICULTURA E SEUS PLANOS ADMINISTRATIVOS

Desde que o governador Synval Guazzelli foi indicado para a governança do estado, sucedendo ao coronel Euclides Triches, o sr. Getúlio Marcantonio, atual secretário da Agricultura do estado, foi assessor constante do então futuro chefe de Executivo gaúcho. Aliás os dois homens público tem uma afinidade que remonta aos tempos dos bancos escolares. Marcantonio e Guazzelli têm a mesma idade, ambos são naturais de Vacaria, estudaram no mesmo ginásio e concluíram o curso de direito em Porto Alegre, no mesmo ano.

Suas preocupações a frente da Secretaria da Agricultura segundo entrevista que concedeu ao COTRIJORNAL dias antes de ter assumido a pasta, será produzir diminuindo o máximo possível os riscos da poluição, dispensando todo o cuidado à preservação do meio ambiente e dinamizando o florestamento e o reflorestamento.

Relativamente aos cultivos agrícolas, a Secretaria da Agricultura, estimulará o plantio do trigo mourisco, que encontra seu melhor desempenho e produtividade na região da grande Lagoa Vermelha, com destaque para Vacaria, São José do Ouro, Ibiraiaras, Sananduva, Ta-

pajera, Ciríaco e Getúlio Vargas.

O secretário Getúlio Marcantonio disse que a Fecotriço está pesquisando o valor proteico e as condições de panificação da farinha do mourisco, com a finalidade do produto, ser incluído na preparação do pão, na proporção de 6 %.

Outra preocupação do secretário Getúlio Marcantonio é fixar um preço mínimo para o trigo mourisco. Tentará também a ampliação de mercado para o produto, que atualmente depende quase que exclusivamente dos mercados externos, basicamente o Japão, a Holanda e Polônia.

DINAMIZAR A LAVOURA DO MILHO

O secretário Marcantonio desenvolverá todo o esforço a frente da pasta agrícola, para ampliar a lavoura do milho. Ele acha que o milho, dada as suas características de franco consumo, segurança de mercado e as possibilidade de boa produtividade em nosso meio, deve ter o plantio estimulado. Sobre se a Secretaria da Agricultura tentará modificar os horizontes da nossa agricultura, fazendo com que a lavoura do milho - da mesma época da soja - tome o rumo dos campos desertos da frontei-

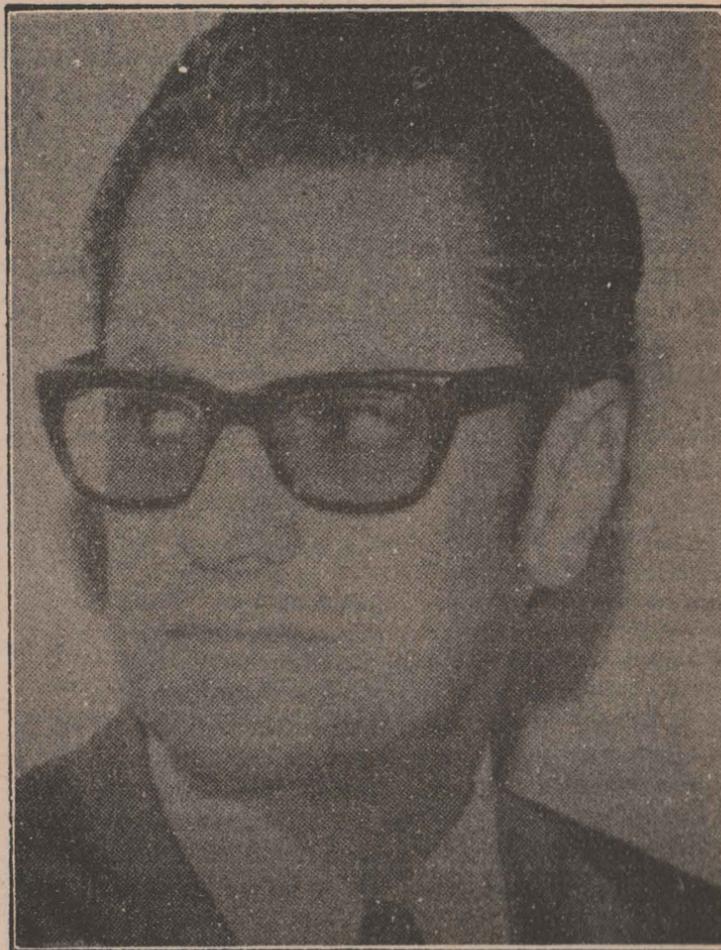
ra, ele disse que o assunto ainda está sendo analisado por uma comissão técnica.

PRESERVAÇÃO DA FLORA

O novo secretário da Agricultura está preocupado com as desmatamentos de matas, principalmente em regiões próximas a cursos d'água. Afirmou à reportagem do COTRIJORNAL que determinará a realização de trabalho no sentido de resguardar as áreas que margeiam os rios e lagos, inclusive arborizando até 50 metros em ambas as margens, para evitar a erosão das barrancas dos rios. De sua plataforma administrativa consta também a adoção de uma política de regionalização das culturas, com a finalidade de atender as condições ecológicas locais.

ALIMENTOS

Na solenidade de posse ocorrida no dia 18 de março, o secretário Getúlio Marcantonio qualificou o setor da alimentação como "a moeda do futuro". Enfatizou que "os números traduzem a insuficiente produção agrícola para acompanhar a di-



nâmica da expansão demográfica". Dizendo que é da terra que se erguem as vigas basilares da nossa economia, o novo titular quis dar a entender a importân-

cia que sua administração dispensará à terra na sua função específica de produzir bens indispensáveis à manutenção do homem.

PASTAGENS CULTIVADAS EM CORONEL BICACO

A COTRIJUI, em convênio operacional com a Secretaria da Agricultura, promove um ensaio com forrageiras de verão no município de Coronel Bicaco.

A intenção da cooperativa é a diversificação das atividades dos agricultores da região, para que os riscos de possíveis prejuízos sejam menores para os produtores.

O ensaio COTRIJUI-SA tem em vista levar ao conhecimento do agricultor modernas alternativas para produzir muito pasto em pequenas áreas e com investimentos baixos.

As cultivares experimentadas foram capim rhodes, setária, gatton panic, todas consorciadas com siratro. Nas fotos vistas do experimento, que tem a supervisão do eng. agr. Cérigo Casemiro Damiani, do Departamento Técnico da COTRIJUI.



VENÂNCIO AIRES, 56 FONES: 2027 E 2688

A partir do dia 1.º de abril V. lembrará essas duas formas de chegar à nova sede de H. Z. Representações Agrícolas, um reduto de nosso desenvolvimento. Na certeza de que nos encontrará a seu lado para bem servir a nossa agricultura.

ADUBOS  TREVO

INDÚSTRIAS LUCHSINGER MADÖRN S.A.

TÉCNICOS

DE VOLTA AO FENO E A SILAGEM

ENG. AGR. RENATO BORGES DE MEDEIROS

Quando os produtores norte-americanos começaram a substituir a energia e a proteína das pastagens pela dos cereais e concentrados, abriram-se novas perspectivas para o mercado de carne bovina. Este acontecimento decorreu de uma agricultura profícua que a cada ano somava maiores excedentes de grãos, principalmente de milho e sorgo. Em consequência, os produtores simplesmente começaram a substituir as pastagens, pois era mais econômico transformar o milho em carne do que vendê-lo a terceiros. Naquela época o tempo começava a ser um fator muito importante para os produtores que passavam então a reduzir a idade de abate dos animais, produzindo com maior velocidade uma carne de melhor qualidade. Uma maior produtividade e um maior lucro por unidade de área justificava esta nova tecnologia, mesmo que a um custo mais alto por unidade animal.

A aceitação desta nova tecnologia de produção cresceu tanto que os estados produtores de milho começaram a se especializar no engorde de bovinos e suínos. No setor de bovinocultura surgiram os Feed-Lots (produtores especializados em terminação) que submetiam os animais a um quase total confinamento na região do meio-oeste, também chamada cinturão do milho. Por volta de 1950, aproximadamente 40% do gado de corte levado aos frigoríficos eram preparados nestes estabelecimentos, onde a alimentação era basicamente milho. A idéia do confinamento era uma realidade que passava a existir na maioria das propriedades do cinturão do milho. As universidades e as firmas especializadas no setor se lançaram na busca de novas informações através da pesquisa, que a cada ano trazia novas idéias e novas formulações de rações. Os confinamentos se aperfeiçoavam e os lucros eram mais seguros. O número de produtores que confinava bovinos de corte cresceu tanto que em 1972 mais de 75% dos animais que eram levados ao mercado de carne eram produzidos nestes confinamentos.

A difusão deste sistema de produzir carne através da energia barata dos grãos chegou ao exagero determinando um uso supérfluo e desordenado que em certos períodos chegou a comprometer o sistema. Nos últimos cinco anos bastava que acontecesse uma pequena oscilação nos preços do milho para que o sistema entrasse em crise. A fase das oscilações passou e a recente crise mundial de ali-

mentos que o mundo está vivendo, principalmente com relação aos cereais, parece que colocou todo o sistema numa situação difícil e que implicará em mudanças radicais nesta tecnologia de produção. Outros acontecimentos, como a retração temporária do Mercado Comum Europeu com relação às importações de carne, possibilitou ao governo norte-americano se abastecer de grande quantidade de carne dos países exportadores. Com este mercado favorável à importação, o governo norte-americano decidiu congelar o preço da carne deixando os produtores em pior situação ainda. Em fins de setembro do ano passado a relação de preço entre o milho e a carne ficou distorcida, uma vez que 7 kg de milho (o mínimo necessário para produzir um kg de carne) valia mais do que um kg de carne bovina.

Atualmente, segundo informação pessoal do Diretor do Programa Internacional do Soja (INTSOY), Dr. Thompson, especialista em economia rural, a situação está mais favorável para os confinadores. Com o início da colheita dos cereais em novembro, o preço do milho baixou e o preço da carne se manteve. No entanto, a curto prazo, de acordo com o Dr. Thompson, a situação poderá se modificar.

Com a crise do setor pecuário muitas soluções foram sugeridas. Alguns norte-americanos preocupados com a crise mundial de alimentos procuraram reduzir o consumo da carne bovina. A idéia foi logo abandonada, pois concordar com tal sugestão seria levar a agricultura ao estrangulamento. Paralelamente, a pesquisa testava novas rações para minimizar os prejuízos dos confinadores, mas nada de positivo foi conseguido. Com o desgaste da pesquisa, não conseguindo reduzir os custos de produção, foi necessário pensar novamente nas pastagens, no feno e na silagem.

Os norte-americanos do meio-oeste quase esqueceram que os bovinos são ruminantes e que eles podem crescer e engordar quando alimentados com pastagens. Os ruminantes como o boi e o carneiro, pela constituição de seu estômago são capazes de digerir grandes quantidades de alimentos volumosos e até mesmo os mais grosseiros, como restos de lavouras (palhas de trigo, aveia, soja e milho). Aqui não nos interessa descrever como os ruminantes conseguem transformar estes alimentos em carne, mas apenas enfatizar que as forragens não se constituem fonte

direta de energia e proteína para o homem. Isto significa que os ruminantes transformam alimentos grosseiros em proteína animal, que é a mais nobre e mais apetecida pelo homem. Assim nós podemos verificar que este trabalho eficiente e econômico que os ruminantes prestam a humanidade foi prejudicado pelo uso supérfluo e desordenado de rações à base de cereais, que, na maioria dos casos, podem ser fontes diretas de energia e proteína para o homem. O mundo ainda não pode desprezar o trabalho realizado pelo estômago dos ruminantes para fazer frente à batalha da fome.

Especialistas em economia rural da região do meio-oeste acham que é quase impossível inverter a situação atual através da substituição dos grãos e concentrados pelas pastagens. É óbvio que uma determinada quantidade de grãos ainda deverá ser utilizada na produção de carne. Mas o que se observa no momento é uma tendência geral dos confinadores em aumentar as áreas de pastagens e diminuir o fornecimento de grãos. Eles estão convictos de que, na maioria das

regiões de engorde, é economicamente possível terminar novilhos à base de pastagens, feno e silagem sem prejudicar significativamente a qualidade da carcaça. Esta carcaça obtida das forragens teria, em termos de sabor, a desvantagem de apresentar menos gordura, no entanto estaria se produzindo um alimento de melhores qualidades nutritivas. Isto também significa que estariam sendo reduzidas as perdas de energia pela gordura que é descartada a nível de retalhista. Somente em 1974 a gordura retirada das carcaças nos açougues ultrapassou a um milhão de toneladas, o que também significa um expressivo desperdício de grãos.

Nós devemos analisar o exemplo dos confinadores norte-americanos e retirar deles os ensinamentos que podem formar a base de nosso programa de trabalho. Somos um país que apresenta melhores condições climáticas do que os Estados Unidos para produzir forragem. Assim, as forrageiras são para nós, mais importantes do que para eles. Isto sem considerar que lá são produzidas mais de 140 milhões de toneladas de milho, enquanto que aqui ape-

nas 15 milhões de toneladas.

A mudança de atitude dos norte-americanos do meio-oeste, voltando a uma maior utilização de pastagens, feno e silagem, é um alerta a todos que procuram encontrar no arcaçoamento do gado a solução para os nossos problemas pecuários. Em certos períodos do ano e em certas fases do crescimento e da terminação, talvez para o nosso caso, o fornecimento de grãos encontre justificativa econômica. Isto também assume importância quando consideramos o problema da fome das regiões mais pobres que necessitam dos grãos para o consumo direto.

Em decorrência de todos os fatores que consideramos, verificamos que nós podemos e devemos orientar a nossa pecuária de corte de maneira diferente do sistema que ainda vem sendo utilizado no meio-oeste dos Estados Unidos. Devemos ter o senso técnico e econômico de encontrar um sistema de engorde racional e eficiente, onde a produção de carne bovina seja substancialmente baseada nas pastagens, no feno e na silagem.

JACTO PASSA O PENTE FINO NAS PRAGAS DA SOJA

O desempenho da BV-JACTO não tem competidor. Ela chega com aquela pulverização penetrante como uma garoa. É por causa da sua TURBINA MICROJET exclusiva, que divide as gotas em micro-partículas homogêneas. A cobertura é tão uniforme, que não há praga que resista.

Para quem prefere o combate com LVC, a solução definitiva é a UBV-JACTO. Para cada velocidade do trator, uma vazão regulável e certinha. Tanto a BV como a UBV, permitem uma perfeita dosagem do inseticida, e a aplicação é feita pelo próprio tratorista, o que lhe dá uma outra economia.

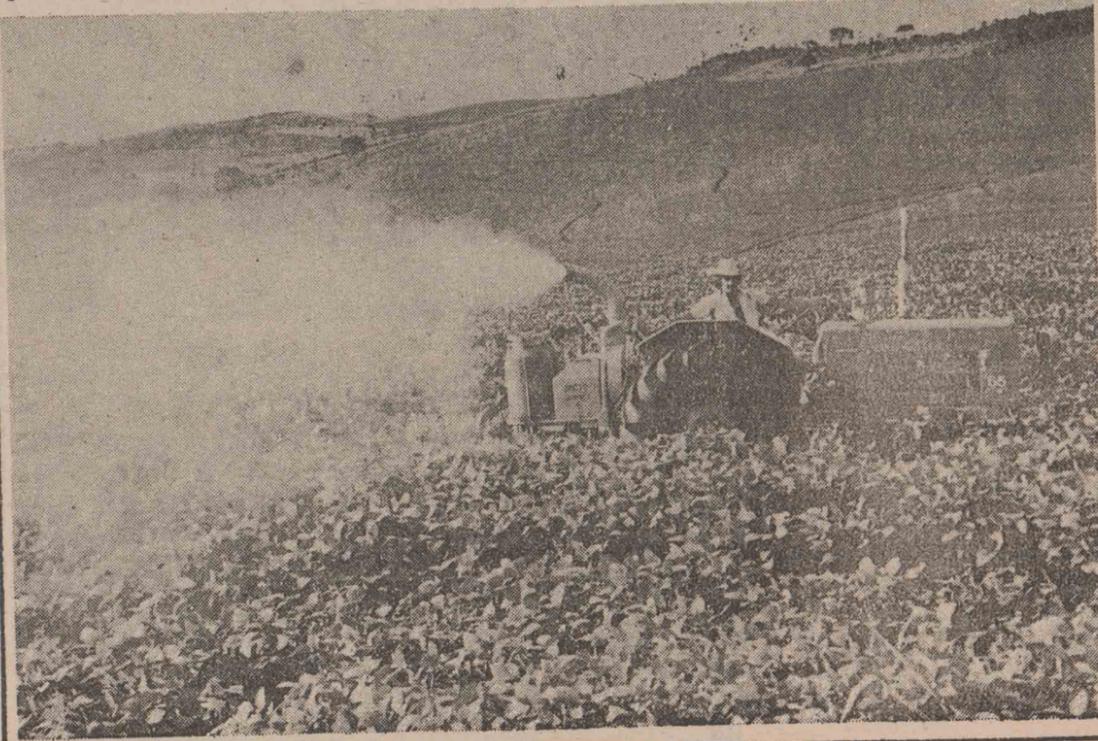
Confie em Jacto
27 anos de bons produtos no Brasil e no exterior



Jacto
MÁQUINAS AGRÍCOLAS



RUA DR. LUIS MIRANDA, 5 - TEL.: PBX 231 - CEP 17580 - POMPEIA - ESTADO DE SÃO PAULO
RUA MOYSES KAHAN, 37 - TELS.: 67-7595 e 67-7326 - SÃO PAULO - ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL



INSETICIDAS: QUANDO PAGA O JUSTO PELO PECADOR

Eng. Agr. Cérgio C. Damiani

Não temos dúvida da inegável contribuição prestada pelos defensivos, mas também podemos afirmar que seu uso incontrolado trará graves consequências para o meio rural, quando o processo de depredação e contaminação está se tornando irreversível. Alertamos que agora já estamos atingindo quase o ponto de saturação, pois os resíduos de produtos tóxicos e altamente maléficos, estão sendo encontrados em quase todas as partes.

Somente uma tomada de consciência de lavoureiros e técnicos poderá impedir uma catástrofe ainda maior. Num esforço comum deveremos sanar no menor espaço de tempo possível, esse erro que, infelizmente no Brasil, se prolonga por muitas décadas.

Na agricultura brasileira são inúmeros os exemplos que demonstram a necessidade imperiosa do uso de defensivos para proteger as colheitas de fracassos quase totais, bastando lembrar a broca dos cafezais no estado de São Paulo e a nossa bem conhecida lagarta da soja. Entretanto, existem problemas de grande importância que merecem considerações especiais; um deles, é a persistência de muitos inseticidas, principalmente os clorados, sobre o material aplicado, comprometendo alimentos, ameaçando animais domésticos ou silvestres, e às vezes, pondo em risco a vida do próprio homem.

O desenvolvimento da indústria de pesticidas está trazendo inúmeras inovações, onde periodicamente são colocados no mercado produtos novos, porém o conhecimento da complexidade de ação dos pesticidas não acompanhou o ritmo acelerado da produtividade das indústrias químicas. Nos detendo mais especificamente sobre os inseticidas, vários problemas ainda estão presentes em nossa agricultura, em função do desconhecimento da ação desses produtos; entre eles estão o controle indesejado de parasitos e predadores de pragas, e o aperfeiçoamento do mecanismo que os insetos possuem, que lhes dá capacidade de resistir a ação dos defensivos, além da ameaça constante à saúde do homem e animais domésticos.

Sobre parasitos e predadores tem havido ultimamente uma grande preocupação por parte de entomologistas (estu-

diosos de insetos), com o desaparecimento indiscriminado de insetos pela aplicação de defensivos violentos, provocando um desequilíbrio que tende a se agravar cada vez mais. Os insetos úteis, que estão constantemente prestando valiosos serviços à sanidade vegetal, estão sumindo abrindo caminho para os insetos daninhos e os perigosos inseticidas, que não distinguem ninguém para matar.

O serviço prestado por esses insetos equivale a aplicação de muitas toneladas de DDT e BHG. O efeito prejudicial de cada um, cabe a nós mesmos julgar.

Muito se tem falado no controle biológico, mas urge que se lance mão dessa preciosa arma de que dispomos. A utilização de insetos entomófagos (comedores de insetos) é uma alternativa viável, porém depende de um estudo profundo de seus hábitos, introduzi-los, aclimatá-los e favorecer de todas as formas a sua propagação, de modo que em pouco tempo irão tomando conta de regiões onde sua presença se faz necessária.

Queremos lembrar que o uso incontrolado de defensivos pode destruir toda gama de insetos úteis e permitir que os insetos daninhos, que estão em estado larvário, se multipliquem de forma assustadora, advindo daí a necessidade de novas e repetidas aplicações e com elas todos os maléficos consequentes. Devemos racionalizar cada vez mais nossa agricultura, usando da melhor tecnologia para obter a máxima produtividade, mas a racionalização deve ser uniforme e proporcional, para evitar que nossa geração colha as grandes safras, e nossos netos recuperem desertos e vivam num mundo saturado de resíduos poluentes.



SOLUÇÃO? INSETICIDA BIOLÓGICO

Edmar V. Siqueira — Técnico Agrícola

Em consequência do grande ataque de lagarta nas lavouras de soja, na atual safra, a COTRIJUI lançou no mercado regional o inseticida DIPEL. Deste modo pretende oferecer a seus associados, um produto não tóxico, com a finalidade de solucionar os casos de intoxicação que vem ocorrendo nos últimos anos.

O DIPEL é um inseticida biológico (não mata por envenenamento). A lagarta após ingerir o inseticida cessa (para) de se alimentar, morrendo 48 horas depois da ingestão.

O DIPEL tem na sua composição o Bacillus Thuringiensis, Berliner. Este bacilo é um ser vivo que está contido no inseticida. Após ingerido pela lagarta, penetra no aparelho digestivo desta, destruindo seus intestinos. Desde o momento da ingestão do produto, a lagarta paralisa sua atividade, morrendo por inanição 48 horas depois.

Este inseticida não é tóxico (não envenena) para os se-

res humanos, animais domésticos, aves, peixes, abelhas, e insetos benéficos, podendo ser aplicado até próximo da colheita do produto.

Não foi constatada resistência das lagartas ao DIPEL. Sua eficiência é simplesmente demonstrada pela crescente aceitação e uso nos países onde foi lançado.

Na área de ação da COTRIJUI, muitos foram os associados que adquiriram o inseticida DIPEL. Os resultados obtidos foram satisfatórios, nas dosagens corretas e em horário apropriado.

O defensivo agrícola DIPEL, apresenta-se sob duas formas: Pó, para a aplicação direta e Pó Molhável para diluição em água.

O pó deve ser aplicado na quantidade de 12-18 Kg/ha, dependendo da intensidade do ataque da praga e do desenvolvimento da cultura. Para o pó molhável, a dosagem recomendada é de 250 a 500 gr/ha. Pe-

la COTRIJUI foram aplicados 400 g/ha e posteriormente 300 gr/ha face aos bons resultados obtidos.

Modo de Preparação do Pó Molhável ou Pré-Pasta.

Preparo da pasta: em recipiente perfeitamente limpo, de preferência em um balde de plástico colocar a quantidade do DIPEL necessário por hectare (300 gramas) e adicionar um pouco de água limpa. Com o auxílio de um bastão ou pá de madeira, também limpo, misturar lentamente o pó com água até formar uma pasta uniforme e homogênea, tendo o cuidado de desmanchar os empelotamentos.

Preparo da Suspensão do DIPEL.

Obtida a pasta homogênea, acrescentar mais água limpa, agitando-se continuamente até a obtenção de uma perfeita suspensão.

Transferir esta suspensão para o tanque do pulverizador e completar o volume com água, tendo-se em mente que a quantidade necessária de água é de 100 a 200 litros por hectare. Para isso é necessário que o pulverizador esteja bem regulado para uma eficiente pulverização.

a melhor receita para multiplicar a produtividade da sua lavoura.



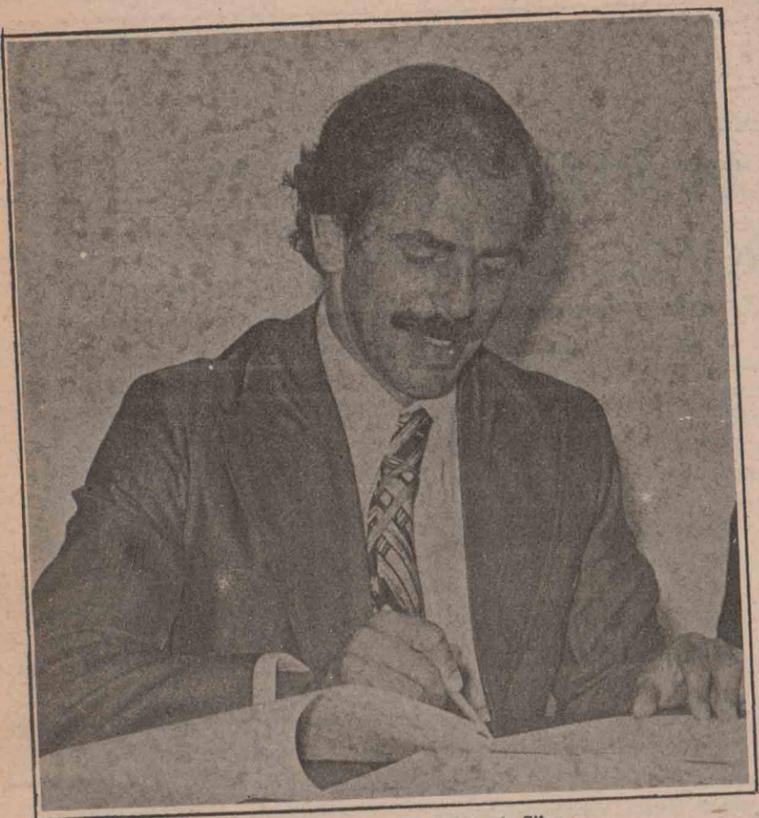
adubos pampa sa

O VERDE DA TERRA

Rua Gravataí, 145 - Caixa Postal, 142 End. Telegráfico "ADUSPAMPA"
Fones: 72-1067 - 72-1383 - 72-1571 - Canoas - RS.

ADUBOS - INSETICIDA - CALCÁRIO

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas
Caçula Ltda. — R. 15 de Novembro, 448
IJUI — R. GRANDE DO SUL



Presidente Ruben Ilgenfritz da Silva

PREÇOS, TRANSPORTE E MERCADO: PREOCUPAÇÕES DA COTRIJUI NA SOJA

Às vésperas do que se configura ser a maior safra de soja de toda a nossa história, as perspectivas de um mercado frouxo tendem a preocupar todos os que terão a responsabilidade de colocar esse grande volume de produção. No setor de cooperativa, a COTRIJUI preocupa-se sensivelmente com esse problema. Seu diretor-presidente, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, encara os problemas de mercado e preço, com muita objetividade. Para minimizar esses problemas, diz Ruben Ilgenfritz da Silva, "nós achamos que a única maneira será através de muitas vendas em pequenas quantidades e, também promovendo para acerto futuro de preços, tendo como indicador, as cotações da Bolsa de Chicago.

Tomando por base as cotações da Bolsa de Chicago em agosto dos últimos anos, essas cotações apresentam, a grosso modo, dez a doze dólares a mais por tonelada do que no período março/abril dos mesmos anos. Seguindo um raciocínio que nos parece lógico, poderemos ter uma situação de preço mais favorável à medida que o tempo passa. E por outro lado, isto é, promovendo negócios no Mercado Futuro, nós vamos liberando parte da produção para Rio Grande — nosso porto de embarque de longo curso — e abrindo espaço físico aqui na zona de produção.

MÉDIA DE PREÇO

A melhor maneira que temos para enfrentar o problema, ressalta Ruben Ilgenfritz da Silva, é ir comercializando aos poucos a produção e nos capa-

citando, dessa maneira, à percepção da configuração do mercado.

O que parece evidente hoje, isto é, neste ano, é que o mercado está decididamente para o preço médio. Mas de qualquer forma, a preço fixado hoje ou para fixação futura, alguns negócios deverão ser fechados, pois se deixarmos para comercializar toda a nossa produção em junho, julho, ou agosto, quando, hipoteticamente, teremos uma condição de melhor mercado, não teremos meios físicos para jogar todo o volume de nossa produção no mercado.

Por outro lado, sentenciou o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, há o perigo de que um lançamento maciço de produto no mercado num período curto, motive ainda um maior aviltamento dos preços. Então, para definir a política da COTRIJUI no comércio da soja, adiantamos que procuraremos fazer médias de venda através de pequenos e sucessivos lotes, a preços futuros e também, assim que for possível, a preços já definidos. Pois o que se caracterizou nesta safra é que o mercado de soja define-se como muito perigoso para a especulação.

E quem dirige uma cooperativa, sendo responsável por interesses de milhares de agricultores, não pode se arriscar na especulação. Daí o nosso ponto-de-vista de que deveremos orientar todo o esquema de comercialização no sentido de participar constantemente do mercado, buscando a formação de uma média de preço, determinando assim um ponto de equilíbrio entre os preços máximos e mínimos.

TRANSPORTE DA PRODUÇÃO

Falando sobre a problemática do transporte da soja para os pontos de embarque, Rio Grande e Porto Alegre, disse Ruben Ilgenfritz da Silva: "sobre o escoamento da produção e são dados que o agricultor precisa conhecer — é voz corrente no estado que vamos produzir neste ano, 4.600 mil toneladas. Descontando-se 2.200 mil toneladas para a indústria e mais 300 para semente, restam para o estado 2.100 mil toneladas que se destinam à exportação.

(As cooperativas já tem 1.524 mil toneladas liberadas pela Cacex. Desse volume, 1.016 mil toneladas destinam-se à exportação e 508 mil toneladas para ser comercializadas pelo Governo, através da própria Cacex, possivelmente com cláusula de retrovenda).

Pois bem, vejamos como se apresentam as condições de transporte dessa massa de produção: a rede ferroviária pode escoar, por mês, 100 mil toneladas para Rio Grande e 50 mil para Porto Alegre. Por rodovia, há condições de se transportar outras 150 mil toneladas. Por via fluvial, pode se movimentar mais umas 80 mil toneladas, com um total de 380 mil toneladas por mês. No que se refere a capacidade de estocagem em Rio Grande, o estado tem uma capacidade de 330 mil toneladas, das quais, 220 mil pertencem à COTRIJUI.

Essa capacidade de estocagem é boa, mas desde que haja dinâmica de navios para garantir a rotatividade dos estoques. Mas para que haja navios é preciso que haja vendas, sejam para acerto futuro ou já com preço definido. Essa é uma opção do vendedor e uma condição do mercado. A soma dessas 380 mil toneladas que chegam por mês a Rio Grande, determinam que o escoamento do excedente de 2.100 mil toneladas demore cinco meses e meio. Aí é que surge a necessidade de um grau de conscientização do problema. Para uns, parece que simplesmente bastaria sentar em cima da soja, como se diz, e esperar preço. Quer dizer: melhorou o preço, vendeu. Mas na prática, não é assim. Há uma série de problemas em torno do assunto, que envolve, além do preço, também a necessidade de transportar o produto até Rio Grande, esperar praça nos navios e etc.

Admitindo, por exemplo, que o preço da soja este ano se apresente tão baixo, que não autorize condições de venda, vai haver outro problema conseqüente. Se não vendermos a soja, onde vamos armazenar a futura safra do trigo. A conclusão, então, é que há um processo dinâmico que deve ser analisado e revisto periodicamente, constantemente e até diariamente. O problema, como se vê, é bastante complexo e de solução difícil.

FIXADO O PREÇO DO TRIGO PARA A SAFRA

O Conselho Nacional de Abastecimento aprovou em reunião de 25 de março último, em Brasília, o preço de Cr\$ 100,20 a saca de 60 quilos de trigo para a próxima safra do cereal, a ser colhida no final do corrente ano.

O preço fixado foi resultado de proposição do ministro Alysso Paulinelli, da Agricultura. O preço é básico para a aquisição estatal através da CTRIN, e refere-se aos 60 quilos do produto são e limpo, a granel, com peso hectolítrico de 70 e umidade de até 13%.

Como se recorda, a Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja — FECOTRIGO — em proposição apresentada ao Governo e baseada em levantamento de custos feito por seu departamento técnico, havia reivindicado um preço de Cr\$ 128,00 a saca do produto.

Ao fixar o preço nas bases em que o fez, o Governo concedeu um subsídio de 40 por cento sobre o preços dos fertilizantes, com efeito retroativo até 1º de janeiro do corrente ano. Mas, ao mesmo tempo, determinou a cobrança de 15 por cento sobre o financiamento de fertilizantes, o que antes era isento de juros.



COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA ÁREA DO PIDCOOP

Realizou-se em Ijuí, nos dias 20 e 21 de março, tendo por local a sala 100 da FIDENE, reunião dirigida pelo Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo — PIDCOOP — para tratar de assuntos relacionados com o sub-projeto de educação e comunicação a ser desenvolvido na região do Alto Uruguai pelas cooperativas da área.

Participaram delegados representantes de 13 cooperativas, 5 sindicatos de trabalhadores municipais; secretários de educação dos municípios de Ijuí e Campo Novo, do Instituto de Educação Permanente da FIDENE, técnicos da FEPLAM, da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos e da Escola de Administração de Cooperativas, que esteve representada por seu presidente, professor Emílio Linberger.

Ficou acertada a formação de uma comissão de motivação composta por todas as entidades integrantes

do PIDCOOP, mais a FIDENE, com a incumbência de visitar todas as cooperativas da área para estimular a criação e manutenção de trabalhos de comunicação e educação aos respectivos quadros sociais. O pessoal a ser aproveitado será treinado na FIDENE.

Posteriormente será marcada uma nova reunião com todos os coordenadores dos setores educacionais das cooperativas para a fixação das linhas operacionais desse sub-projeto do PIDCOOP.

Participaram da reunião, pelo PIDCOOP, seu secretário-executivo sr. Avenor Lopes de Aguiar e o responsável pelo sub-projeto de educação e comunicação, professor João Batista Pinzom; pela FIDENE Frei Mathias e Walter Frantz, pela COTRIJUI, Rui Polidoro Pinto e os delegados das cooperativas e sindicatos presentes.



COTRIJORNAL

CADERNO DE AVISOS

ABRIL/75

SELEÇÃO BUSCA O BOM PRODUTOR DE SEMENTE

Com a aproximação da colheita da soja, os agricultores interessados em produzir semente têm procurado o Dpto. Técnico da COTRIJUI para inscreverem-se como produtores.

Baseado em problemas ocorridos em anos anteriores, como a qualidade e quantidade de sementes recebidas, o Departamento Técnico resolveu fazer uma "seleção de produtores". Para isto levou-se em consideração os seguintes requisitos:

- a) qualidade da semente entregue nas safras anteriores.
- b) tecnologia empregada (terraceamento, melhoramento

da fertilidade do solo, densidade de plantio, tratamentos fitossanitários para combate às pragas e doenças da lavoura, etc.

c) espírito cooperativo: entrega da parte comercial, etc.

d) equipamentos; e) instalações; f) atributos pessoais do produtor (capricho, honestidade).

Formou-se com a seleção um quadro de produtores de semente, cuja inscrição para a produção de semente é feita agora pelo técnico, diretamente na propriedade do agricultor. Nesse momento é realizada uma pré-vistoria, para aquilatar a

qualidade da lavoura. Somente são inscritas as lavouras que estão em condições de produzir sementes.

Este quadro de produtores, entretanto, não é definitivo, pois produtores que não satisficam as condições descritas anteriormente, darão lugar para que outros interessados possam produzir sementes de boa qualidade. Com isto, estaremos também diminuindo consideravelmente as sobras de semente e consequentemente pagando uma melhor bonificação ao produtor.

Répteis Úteis

Heitor Fábregas

Nem todos os répteis são perigosos para o homem e muitos deles como seus aliados trabalham as culturas agrícolas, perseguindo para sua alimentação certos animais que muitas vezes se constituem em pragas, causando consideráveis prejuízos à lavoura. Não há razão, portanto, para persegui-los da maneira como geralmente fazemos, destruindo-os, matando-os. O homem do campo deve conhecer alguns detalhes sobre esses animais para saber poupá-los. Matar um pobre lagarto, por exemplo, somente pelo prazer de matar, apenas para testar sua pontaria, é uma crueldade que não tem cabimento, não se justifica. Os sáurios, esses répteis providos de patas e comprida cauda, encontrados a cada passo no campo e na lavoura, prestam inestimáveis serviços: valiosa colaboração a todos nós, eliminando uma série de outros bichos prejudiciais com os quais se alimentam, predadores e carnívoros que são. O nosso lagarto ovejudo, para citar apenas ele, é um precioso auxiliar que infelizmente já vai rareando, perseguido pelos pseudo caçadores que não lhe dão tréguas e pelos caçadores profissionais em busca da sua pele muito bonita e grandemente utilizada na indústria. Possuímos além dos lagartos, várias lagartixas de cores vistosas sendo a mais comum a verde, muito bonita e muito ágil. Também a lagartixa de parede, presente nos climas quentes, que nos foi trazida da África pelos escravos, é um outro bichinho útil, caçadora eficiente de moscas e mosquitos, embora seja seu aspecto bastante repugnante. Todos estes répteis muito interessantes, constituem um dos grupos de grande utilidade, não apresentando o perigo mais remoto sobre a presumível existência de periculosidade. O povo inventa tais perigos, imaginando um veneno mortal, incurável, inclusive para aquela "cobrinha de vidro", que nada mais é que um lagarto sem pernas. Na nossa propriedade possuímos alguns lagartos que, protegidos, já estão praticamente mansos. Gosto de admirá-los e quando tivemos em funcionamento um aviário, estávamos perfeitamente conformados com alguns ovos roubados diariamente. Era um prazer observá-los ao retirarem o ovo de uma gaiola. Um rápido golpe com o focinho, uma espécie de cabeçada, fazia o

ovo saltar espantando-se no chão e ali, preocupados, geralmente o casal, tranquilamente absorviam a gema.

Entre os ofídios, do gênero Boa, temos a nossa conhecida gibóia. Falamos dela deixando de lado as outras maiores, sucuri, sucuriçu, que a imaginação popular aponta como capazes de engulir um homem. Pura invenção como a estória bem conhecida do caçador comido por uma sucuri com roupa, botas e esporas. Quando técnico do Ministério da Agricultura, exerci minhas funções em Mato Grosso, embrenhando-me pelo interior no combate a uma grave epizootia. Nessa época ainda eram encoitadas muitas sucuris por lá e as que vi caçadas para aproveitamento do couro, não haviam comido mais que um veado, um filhote de capivara ou um leitão. Realmente, impressionam pelo tamanho, vivendo nas nossas matas tropicais, consciente do seu poderio dominam o inferno verde. Mas a nossa gibóia, *Constrictor constrictor*, que pode nos causar alguns sustos, é mansa, dócil, habituando-se ao convívio do homem com muita facilidade. Diariamente assistimos o camelô exibindo-a como atrativo para os seus negócios milagrosos ou bailarinas e medíocres chamando para si as atenções do público por seu intermédio. Não fazem mal a ninguém, muito linda a sua coloração em desenhos pretos e marrons, absolutamente inofensiva para o homem e inigualável como caçadora de roedores. No norte substitui o gato. De um modo geral, todas as serpentes são úteis, destruindo no campo pequenos mamíferos, pequenos roedores, principalmente o rato. Nessa vasta família dos ofídios encontramos desde a cobrinha pequena e de poucas centímetros, até aquelas gigantes de dez metros, possuidoras de força descomunal. Das 2.300 espécies conhecidas, 15 por cento são inofensivas ou suspeitas, afirmam os estudiosos do assunto e o restante se distribui entre serpentes venenosas e as Boas, sendo que as venenosas em absoluta minoria. E todas, inclusive estas últimas, são úteis ao homem, prestando sua contribuição para o equilíbrio da natureza. Não há mesmo nada sobrando neste mundo.

TODO O CUIDADO É POUCO NA APLICAÇÃO DE VENENO NA LAVOURA

Os defensivos agrícolas são responsáveis por boa parte do aumento da produção de nossas lavouras. O combate às pragas e doenças se reflete em maior produção, propiciando maior lucro. Todavia, os defensivos agrícolas devem ser utilizados criteriosamente, para não prejudicar a ecologia da área. A vida animal e vegetal, direta ou indiretamente, pode ser afetada pelo uso indiscriminado dos defensivos. Eles são desenvolvidos e fabricados com a finalidade de destruir as pragas e combater as doenças, permitindo, dessa forma, o aumento da produção agrícola. Urge, porém, que sua utilização seja criteriosa. A Sociedade Brasileira de Defensivos para a Lavoura e Pecuária, visando a maior conscientização dos usuários desses produtos, chama a atenção para os seguintes pontos:

1 - Não deixe a praga tomar conta de sua lavoura, mas, também, não aplique o produto sem necessidade.

2 - Leia o rótulo do produto com atenção. Em caso de dúvida, consulte um técnico.

3 - Verifique se o equipamento está em boas condições. Use pulverizadores com funcionamento correto - sem vazamentos, com bicos desentupidos, filtros limpos.

4 - Não faça aplicações quando as condições de tempo são adversas, principalmente quando há ventos fortes, ou ameaça de chuva iminente, nas horas quentes do dia.

5 - Não faça misturas sem orientação de um técnico. (Elas podem tornar-se mais tóxicas, ou então perder o efeito).

6 - Quando preparar e aplicar os produtos, use roupa com mangas compridas, chapéu de aba larga e botinas. Se os produtos forem tóxicos, não se esquecer da máscara.

7 - Após o uso do produto, as embalagens vazias devem ser inutilizadas e enterradas.

8 - Ao terminar o trabalho, tome um banho com bastante água e sabão. A roupa usada durante as aplicações deve ser trocada e lavada frequentemente.

9 - Não lave equipamentos de aplicação em rios, lagoas, riachos ou em fontes onde a água possa ser contaminada com resíduos de defensivos.

10 - Nas aplicações por avião, use somente produtos permitidos e registrados para esse tipo de aplicação. Não contamine a lavoura do vizinho ou fontes de água corrente, de uso comunitário.

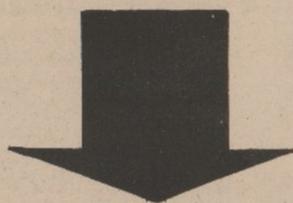
11 - Guarde os defensivos em lugar seguro, fora do alcance de crianças e animais domésticos.

12 - Respeite o intervalo entre a última aplicação e a colheita, recomendado pelo fabricante, para evitar resíduos excessivos no produto colhido.

SISTEMA COTRIJUI DE COMERCIALIZAÇÃO DE SOJA

APROVADO EM REUNIÃO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO EM 4 DE FEVEREIRO DE 1974.

1 - O associado, desejando comercializar sua safra de soja pela modalidade SOJA PREÇO MÉDIO, fará constar na NOTA FISCAL DE PRODUTOR (antiga guia modelo 15), por extenso, o seguinte:
PREÇO MÉDIO, conforme modelo abaixo:



NOTA FISCAL DE PRODUTOR

Nº 456180

Permanecerá no talonário, em poder do emitente, para exibição ao Fisco, quando solicitado; - No caso de saída para o exterior, se o embarque, se processar em outra unidade da Federação, será emitida uma via adicional que será entregue ao Fisco estadual do local do embarque.

6ª VIA

REMETENTE DA MERCADORIA	
Nome do Produtor	Carlos Cornea
Enderço	Sinha 15 Norte
Município	America Ba
Código	162
Estado	RS
Natureza da Operação	Soja Preço Médio
Data da Emissão	21.02.74
Via de Transporte	Modonivário
Inscrição no C.G.C.(M.F.)	X
Inscrição Estadual	196957

DESTINATÁRIO DA MERCADORIA	
Nome	Cotrijui
Enderço	Fuji
Município	Fuji
Estado	RS
Inscrição no C.G.C.(M.F.)	90.726.506
Inscrição Estadual	065/001856

UNIDADE	QUANTIDADE	PESO LÍQUIDO (Kg)	DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS ESPECIFICAÇÃO (Espécie, qualidade, marca, modelo, etc.)	UNITÁRIO	TOTAL
	1 saca	9.000	soja preço médio	40,00	6.000,00
			"SOJA PREÇO MÉDIO"		

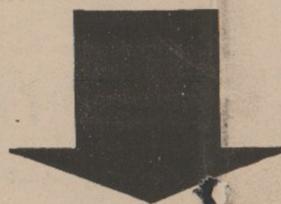
DESPESAS ACESSÓRIAS POR CONTA DO DESTINATÁRIO		VALOR TOTAL DA NOTA CRS	
FRETE	CRS	X	6.000,00
SEGURO	CRS	X	
TOTAL	CRS	X	
IMPOSTO DE CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS Já incluído no preço (Calculado pela alíquota de %)		CRS	X
SAÍDA DOS PRODUTOS: 21.02.74			

Nome do Transportador: Antonio de Moura
Enderço: Fuji
Placa do Veículo: FF-1084

Marca	Número	Quantidade	ESPÉCIE	PESO	
				Bruto	Líquido
		150	sacos	9.000	9.000

OTOMIT - Av. General Daltro Filho, 1114 - Novo Hamburgo - RS - L.C.G.C.M.F. Nº 01.668.867/0001 - Inscr. 086/000.406
100.000 It. 6x26 - 000.001 a 2.000.000 - 3/73
Autorização para Impressão Nº 008/1800/73

2 - O associado, desejando comercializar sua safra de soja pela modalidade de SOJA DEPOSITADA, fará constar na NOTA FISCAL DE PRODUTOR (antiga guia modelo 15), por extenso, o seguinte:
SOJA EM DEPÓSITO, conforme modelo abaixo:



NOTA FISCAL DE PRODUTOR

Nº 456180

Permanecerá no talonário, em poder do emitente, para exibição ao Fisco, quando solicitado; - No caso de saída para o exterior, se o embarque, se processar em outra unidade da Federação, será emitida uma via adicional que será entregue ao Fisco estadual do local do embarque.

6ª VIA

REMETENTE DA MERCADORIA	
Nome do Produtor	Carlos Cornea
Enderço	Sinha 15 Norte
Município	America Ba
Código	162
Estado	RS
Natureza da Operação	Soja em depósito
Data da Emissão	21.02.74
Via de Transporte	Modonivário
Inscrição no C.G.C.(M.F.)	X
Inscrição Estadual	196957

DESTINATÁRIO DA MERCADORIA	
Nome	Cotrijui
Enderço	Fuji
Município	Fuji
Estado	RS
Inscrição no C.G.C.(M.F.)	90.726.506
Inscrição Estadual	065/001856

UNIDADE	QUANTIDADE	PESO LÍQUIDO (Kg)	DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS ESPECIFICAÇÃO (Espécie, qualidade, marca, modelo, etc.)	UNITÁRIO	TOTAL
	150	9.000	soja em depósito	40,00	6.000,00
			"SOJA EM DEPOSITO"		

DESPESAS ACESSÓRIAS POR CONTA DO DESTINATÁRIO		VALOR TOTAL DA NOTA CRS	
FRETE	CRS	X	6.000,00
SEGURO	CRS	X	
TOTAL	CRS	X	
IMPOSTO DE CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS Já incluído no preço (Calculado pela alíquota de %)		CRS	dufido
SAÍDA DOS PRODUTOS: 21.02.74			

Nome do Transportador: Antonio de Moura
Enderço: Fuji
Placa do Veículo: FF-1084

Marca	Número	Quantidade	ESPÉCIE	PESO	
				Bruto	Líquido
		150	sacos	9.000	9.000

OTOMIT - Av. General Daltro Filho, 1114 - Novo Hamburgo - RS - L.C.G.C.M.F. Nº 01.668.867/0001 - Inscr. 086/000.406
100.000 It. 6x26 - 000.001 a 2.000.000 - 3/73
Autorização para Impressão Nº 008/1800/73

(O preenchimento dos demais dados da NOTA FISCAL DE PRODUTOR é de acordo com o que o associado tem feito até agora. Qualquer dúvida, consulte a COTRIJUI).

3 - Se no momento da entrega nada constar na NOTA FISCAL DE PRODUTOR, e ainda estiver dentro do prazo determinado pela presente resolução, a soja será considerada na modalidade PREÇO MÉDIO.

4 - SOJA PREÇO MÉDIO - COMERCIALIZAÇÃO PELA COOPERATIVA (PREÇO MÉDIO). É a modalidade que vem sendo usada nas últimas safras, e consiste:

4.1 - Na entrega da soja com direito a receber o adiantamento por conta do produto entregue;

4.1.1 - Considera-se como "adiantamentos", vinculando, obrigatoriamente, produto na modalidade PREÇO MÉDIO, os seguintes:

4.1.1.1 - Adiantamentos em dinheiro, concedidos diretamente ao associado, em qualquer dos escritórios de Cooperativa, mediante a assinatura de recibo especial;

4.1.1.2 - Pagamentos realizados à companhias de aviação aérea, por serviços de pulverização executados na (s) lavoura (s) do (s) associado (s), mediante solicitação e autorização deste (s) independente de sua assinatura do recibo especial;

4.1.1.3 - Recolhimentos efetuados ao Banco do Brasil S.A, ou a qualquer outro Banco, quando solicitados por esses, para cobertura de débitos de responsabilidade do associado, independente de sua assinatura em qualquer autorização especial.

4.2 - No ressarcimento à Cooperativa, através de débito na Conta Corrente do associado, da despesa financeira que incidir sobre o adiantamento retirado, que é calculada, considerando o valor e o tempo decorrido desde o recebimento do adiantamento até a data da liquidação da safra pela Cooperativa.

4.3 - No recebimento do preço médio apurado pela comercialização efetuada pela Cooperativa.

5 - SOJA EM DEPÓSITO - LIVRE COMERCIALIZAÇÃO (SOJA EM DEPÓSITO).

A presente modalidade consiste:

5.1 - Na entrega da soja sem direito a adiantamento de qualquer espécie.

5.2 - A soja assim comercializada poderá ser liquidada ao preço do dia, desde o dia de sua entrega.

5.3 - O associado que julgar não ser conveniente o valor do preço do dia oferecido pela Cooperativa no momento em que desejar efetuar a liquidação da soja depositada, fica autorizado a efetuar a comercialização fora da Cooperativa, indenizando-a por despesas de armazenagem, conforme tarifa anexa, que será atualizada por ocasião de cada safra, e procedendo da seguinte maneira.

5.3.1 - Comunicando por escrito à Cooperativa, que sua soja foi comercializada com tal firma, preenchendo o documento próprio para essa finalidade, a ser fornecido pela Cooperativa.

5.3.2 - A Cooperativa se responsabilizará pela entrega da soja nos armazéns em que a mesma se achar depositada, cobrando as despesas constantes no item 5.3 da presente resolução.

6 - DEMAIS CONDIÇÕES

6.1 - Por ocasião da entrega da soja (extração da nota), e unicamente neste momento caberá ao associado decidir a modalidade de comercialização que desejar, não podendo ser modificada sob hipótese alguma esta decisão.

6.2 - A entrega da soja pelo associado com direito a escolher a modalidade de comercialização, terá como prazo final o dia 20 (vinte) de junho do ano corrente da safra, sendo que a partir daquela data as entregas de soja somente poderão ser feitas na modalidade SOJA EM DEPÓSITO.

6.3 - As quantidades de soja comprometidas com a Cooperativa face a adiantamentos antecipados por conta da soja a ser entregue, ficarão automaticamente enquadrados na modalidade de PREÇO MÉDIO, até cobrir o valor do adiantamento recebido antecipadamente.

6.4 - As quantidades de soja entregues para semente na modalidade SOJA EM DEPÓSITO, somente poderão ser comercializadas com terceiros sob forma de soja comércio, com direito a bonificação.

TARIFA DE ARMazenAGEM PARA SOJA ENTREGUE PELOS ASSOCIADOS PARA SER COMERCIALIZADA PELA MODALIDADE SOJA EM DEPÓSITO, QUANDO VENDIDA A TERCEIROS - SAFRA 1974.

1 - Pelo período compreendido desde a data de entrega da soja pelo associado até 30 (trinta) de setembro do ano corrente da safra, a tarifa única e indivisível de:

Cr\$ 2,01 (dois cruzeiros e um centavo) por saca de 60 (sessenta) quilos, ou seja:

Cr\$ 33,50 (trinta e três cruzeiros e cinquenta centavos) por tonelada.

2 - A partir da primeira quinzena de outubro, será cobrada por quinzena infracionável, a tarifa de:

Cr\$ 0,30 (trinta centavos) por saca de 60 (sessenta) quilos, ou seja:

Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros) por tonelada.

MANEJO CORRETO DOS LEITÕES E DA PORCA

Eng^o Agr^o Sérgio Inácio Englert

Na criação de suínos, todo o cuidado dispensado ao crescimento rápido e sadio dos leitões, bem como à sua máxima viabilidade, é pouco.

Isto porque, quanto maior for o número de leitões desmamados por uma porca, menor será o custo individual de cada um deles, já que dividiremos os custos da alimentação e criação da porca por um número maior.

Igualmente, quanto mais desenvolvido for este leitão no momento do desmame, maior será a sua velocidade de ganho de peso, atingindo os 95-100 kg de peso corporal para abate em menor tempo.

Da mesma maneira devemos procurar que os leitões mamem o menor tempo possível na porca e, portanto, que o desmame seja precoce, permitindo assim uma rápida recuperação dos tecidos da porca e sua pronta disponibilidade para a próxima cobertura.

Com isto atingiremos o maior número possível de gestações dentro da vida útil da porca, fazendo com que ela produza o máximo de leitões pelo menor custo.

Estes quatro objetivos:

a) leitoadas numerosas; b) maior peso médio do desmame; c) desmame mais precoce possível; d) maior número possível de barrigadas na vida útil da porca, devem ser perseguidos pelo criador com a maior paciência e dedicação possíveis para que consiga a mais alta lucratividade na sua criação. Para isto torna-se necessário o cumprimento de várias regras de manejo que se agrupam em quatro itens principais:

1) Nutrição; 2) higiene e sanidade; 3) capacidade genética dos animais; 4) manejo e instalações adequadas.

A seguir, discutiremos em detalhes cada um destes itens. 1) Nutrição: uma boa ração deve ser preparada com ingredientes de boa qualidade e misturados na proporção correta para prover os aminoácidos essenciais, vitaminas, cálcio, fósforo, sal, microelementos minerais, energia e outros aditivos como estimulantes do apetite e crescimento.

É impossível ao pequeno e médio criador (e por pequeno e médio entendemos todo aquele que possuir menos de 250 porcas matrizes) ter condições de fabricar rações adequadas na sua própria granja. Isto

porque ele não poderá contratar um técnico em formulações específicas para os seus custos, e não será economicamente viável a procura e compra de matérias primas de qualidade e por preços mais baixos.

Assim sendo, somente lhe resta adquirir o concentrado de firmas idôneas, caso possua o milho, ou então a ração pronta. Para os cooperados da COTRIJUI, isto torna-se bem mais fácil, já que a fábrica de rações desta cooperativa está em condições de fornecer um produto de mais alta qualidade e pelo menor custo, fato este já comprovado por vários de seus associados.

2) Higiene e sanidade. Por higiene, entendemos as medidas necessárias para evitar o surgimento e a propagação de parasitas, vermes, infecções, etc. É necessário manter o piso das instalações sempre limpo, sem formação de barro e eliminar diariamente os dejetos dos animais.

Além disso, um programa correto de combate aos vermes intestinais é da mais alta importância.

As paredes e teto devem estar sempre limpos e livres de pó ou insetos de qualquer natureza. Não devemos também permitir a entrada de pessoas nas instalações sem antes trocarmos os sapatos por tamancos limpos para uso somente dentro das instalações, ou então sem terem desinfetado seus calçados por imersão em bacia contendo um bom desinfetante.

A água fornecida aos animais deve ser de ótima qualidade, preferencialmente de poço ou tratada.

Por sanidade entendemos

as medidas necessárias à prevenção de doenças. Para tanto devem ser consultados os veterinários da cooperativa que poderão orientar um programa de vacinações.

3) Capacidade genética dos animais. Eis aí um ponto da maior importância para o criador de suínos. É sabido que uma boa linhagem de porcos pode elevar o número de leitoadas, o ganho de peso e padrão da carcaça tipo carne para exportação e diminuir a idade de desmame.

Não basta que um suíno tenha pelagem vermelha para que seja Duroc ou pelagem branca para que o classifiquemos de Landrace. É necessário que o animal possua uma série de outras características genéticas, que somente poderão ser determinadas por cabanhas idôneas ou por técnicos especializados. As características externas mais fáceis de verificar são: profundidade de pernil, número de tetas funcionais, comprimento, cabeça, aprumos, etc., outras características como profundidade de toucinho somente com aparelhos especiais, teste de progênie pelo estudo dos descendentes ou mesmo pedigree pelas características dos ancestrais, embora mais difíceis de determinar, são de capital importância.

Vemos portanto que devemos procurar sempre cachos ou marrãs de fontes idôneas, como cabanhas de reconhecida reputação, órgãos do governo e exposições estaduais ou regionais.

4) Manejo e instalações adequadas. As instalações podem ser de madeira ou de material, desde que sejam bem ventiladas, amplas e espaçosas. Aos

leitões é indispensável no entanto o uso de lâmpadas infra-vermelhas na primeira semana para que não morram de frio.

Também a maternidade deve possuir celas especiais para as porcas, de maneira que os leitões possam mamar sem ser esmagados pela porca ao deitar-se. Os pisos serão preferentemente de laje, podendo no entanto serem de cimento com canaletas para evitar o enfraquecimento dos cascos.

São as seguintes as regras de manejo a serem seguidas pelo suinocultor:

5 dias antes do parto: reduzir em 1/4 a ração diária da porca; lavar e desinfetar a porca; limpar a maternidade 2 vezes por dia; Dia do parto: dar somente água fresca à porca; usar cama de maravalha; usar lâmpadas infra-vermelhas, uma na altura (30 cm) das mamas e outra atrás da reprodutora; limpar os leitões removendo as mucosidades; secar os leitões, amarrar, cortar e desinfetar o cordão umbilical; cortar as pontas dos caninos com alicates especial ou cortador de unhas e desinfetar; pesar os leitões.

1º dia: aumentar gradativamente em 1/2 kg por dia a ração da porca; fornecer água fresca aos leitões duas vezes ao dia; lavar e desinfetar os bebedouros diariamente. 3º dia: injetar ferro nos leitões. 7º dia: colocar o comedouro com ração suíno-inicial, debaixo da lâmpada infra-vermelha e ensinar-lhes a comer. 12º dia: segunda injeção de ferro. 35º dia: vacinar contra a peste suína. 42º dia ao 56º dia: desmamar os leitões. 70º dia: fornecer um vermífugo aos leitões. 100º fornecer uma segunda dose de vermífugo

SAIBA COMO OBTER MAIOR RENDIMENTO EM FORRAGEM

O melhor período para semear as forrageiras de inverno é de abril a junho. No caso especial da alfafa, é abril. As aveias, o centeio e o azêvem pode ser semeados com as máquinas comuns. Mas as outras forrageiras exigem semeadeiras com maiores recursos, como por exemplo a John Deere.

Para um bom rendimento em forrageiras, damos abaixo a quantidade de quilos que devem ser semeados por hectare:

Aveia coronado, suregrain e ipecuem	80 kg/ha
Aveia preta	70 kg/ha
Centeio	70 kg/ha
Azêvem anual	20 kg/ha
Cornichão	15 kg/ha
Trevo vermelho	15 kg/ha
Trevo Branco	2 kg/ha
Alfafa crioula	15 kg/ha

ADMINISTRADORES DE EMPRESAS RURAIS

Tendo por local a sede acadêmica da FIDENE, foi promovido em Ijuí, de 17 a 21 de março último, um curso de administração de empresas rurais, no qual participaram empresários agrícolas de vários municípios da região. A promoção do curso foi da Faculdade de Ciências Administrativas, Contábeis e Econômicas de Ijuí, com a colaboração do Convênio COTRIJUI-FIDENE.

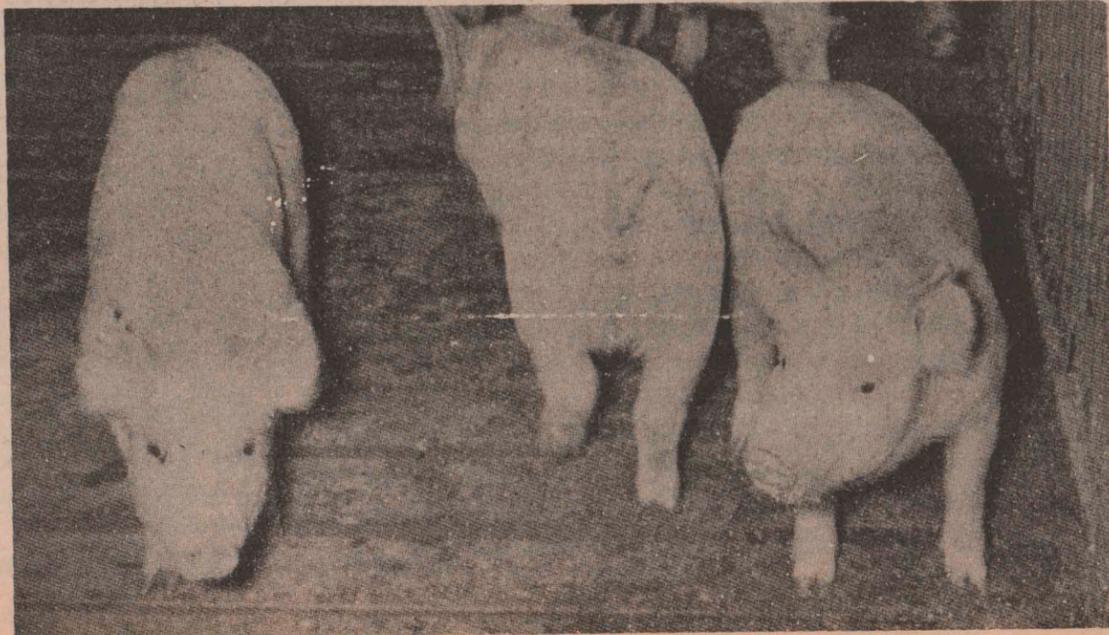
Breve será ministrado um segundo curso na região, tendo por local o município de Santo Augusto. No futuro, outros cursos semelhantes serão promovidos para atender o crescente desenvolvimento que o setor agrícola vem experimentando, exigindo sempre novos posicionamentos de condução empresarial, que necessariamente devem ser atualizados.

NOVA DIREÇÃO DA SERRANA

Ficou assim constituída a nova diretoria da Cooperativa Rural Serrana, eleita na última assembleia dos associados: Nilton Costa, presidente; César Libindo Vianna, 1º vice; e Nicanor Carlos Spreckelsen, 2º vice.

São conselheiros os cooperativados: Angel Custódio Hernandez, Ary Peixoto Barcellos, Pelágio Thomaz da Silva, Ary Marques da Costa, Odegar Beviláqua Bañolas e Ary Silveira Pereira.

O conselho fiscal está formado por Ernesto Rubens Amorim Andrade, Manoel Cardoso da Silveira, enquanto que Pedro Soares Couto, Régis Machado Paz e Nelson Cardoso da Silveira, são os suplentes.





SUPLEMENTO INFANTIL – ABRIL/75

SAPINHO PAPINHO FAZ D. CORUJA PENSAR

Os alunos já tinham saído, D. Coruja estava só com seus pensamentos e com os desenhos de seus alunos. Ela estava assustada. Assustada com os desenhos na sua frente. D. Coruja não entendia mais seus alunos. Ela suspirou:

— Como eram bons os tempos em que a professora fazia um desenho no quadro e todos os alunos copiavam o mesmo desenho. Todos iguais, bem certinhos, nada de inesperado.

— Mas isto não era muito chato, fessora?

D. Coruja deu um pulo. Alguém falando? Então ela viu o sapinho lá no canto.

— Você ainda ali? A aula já terminou!

— Eu sei, mas gostei desta aula de desenho. Aí eu resolvi encompridar a aula por conta própria.

D. Coruja estava cada vez mais confusa: O sapinho, que sempre dava um jeito de fugir das aulas (ele pulava tão bem que ninguém o pegava) sentado ali, trabalhando ...

Fessora, escola não é invenção dos homens?

— É, Papinho. Porque?

— Coitados. Garanto que não sabiam em que fria iam entrar com esta mania de escola. Começaram a ficar tanto tempo sentados na escola que se esqueceram de como é bom usar as pernas. Se acostumaram, e agora querem só ir de um lugar para outro, sentados, de carro. Não sabem nem mais pular, os coitados.

A professora já ia dar um xingão em Papinho mas então se lembrou que realmente os homens eram seres muito esquisitos.

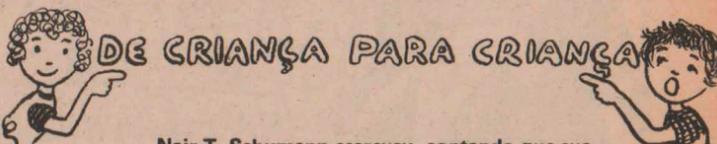
— Fessora, se os bichos começam a ir muito para escola, então daqui uns tempos os sapos não sabem mais pular? E as corujas, elas não vão mais voar? E como ficam os peixes? ...

D. Coruja levou um susto. Ela nunca tinha pensado nisto. Mas não quis demonstrar isto para o sapinho. Onde ia ficar a sua autoridade? Por isto falou:

— Chega Papinho. Você deveria chamar-se Papudo. E agora, já prá casa. Não tenho tempo para conversa fiada. Estou muito ocupada.

O sapinho saiu resmungando: Porque os adultos sempre dizem que estão ocupados quando uma criança quer falar sério com eles?

D. Coruja, porém, resolveu convocar, o mais breve possível, uma reunião com todos os pais dos alunos. Havia uns assuntos muitos sérios que precisavam ser discutidos.



DE CRIANÇA PARA CRIANÇA

Nair T. Schumann escreveu, contando que sua mãe sabe fazer coisas lindas de palha. Nair, quando sobrar uma folguinha, a gente aparece lá, certo?

Dione Radons, de Redentora, também escreveu. Dione, você não quer tentar, você mesma, bolar uma historinha ou fazer um desenho?

Lembramos aos leitores do Cotrisol que podem mandar sua contribuição. Neste número transcrevemos três historinhas que nos enviaram. Mandem sua opinião sobre elas.

Vladimir Buzetto mandou esta história para vocês:

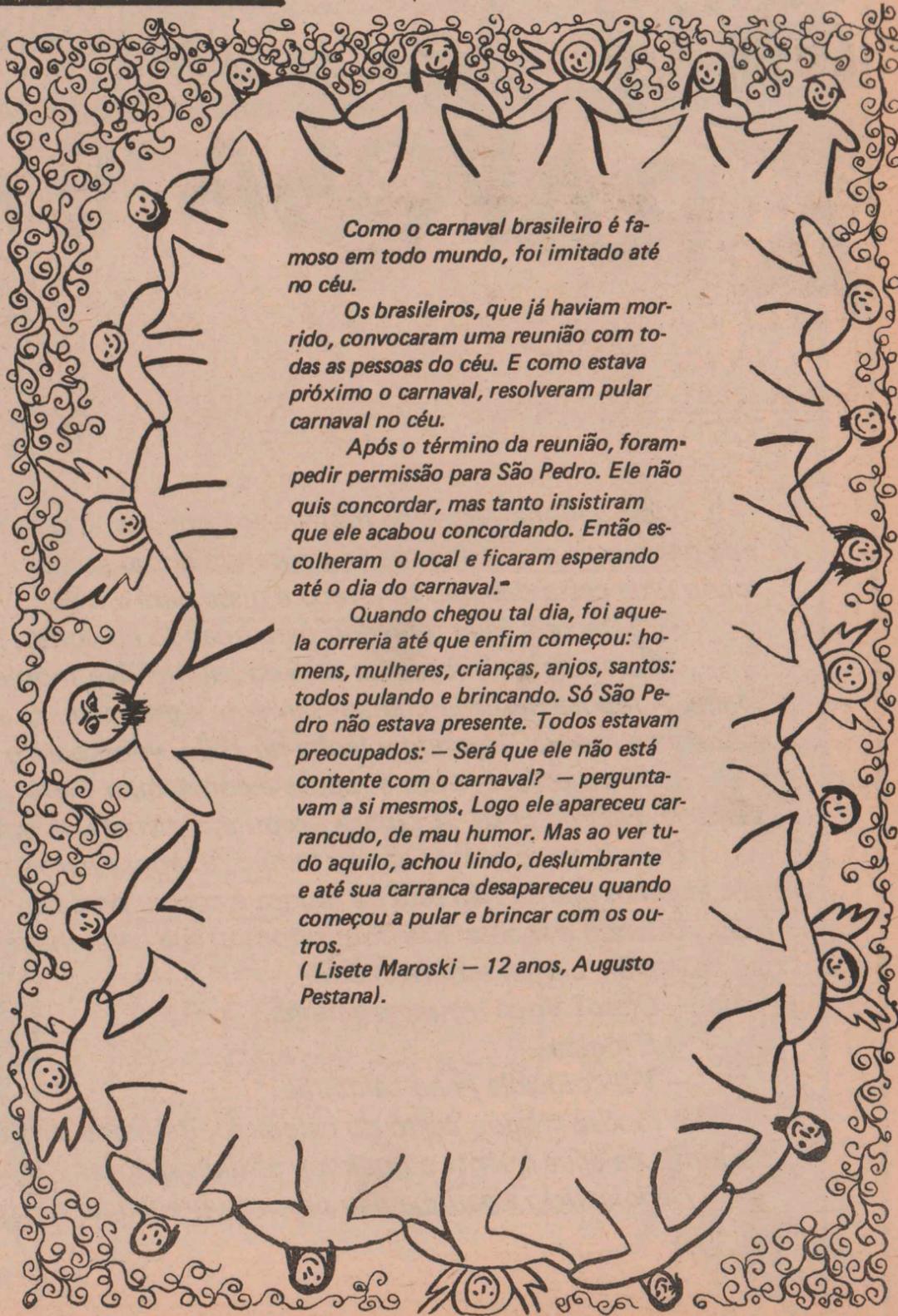
“ Dois amigos foram encarregados de matar um pistoleiro. Um se chamava Celso e outro João. Mas eles eram bem trapalhões.

O pistoleiro morava num prédio. Celso ficou esperando e João subiu no prédio com umas aves na mão. Quando o pistoleiro chegou, Celso disse: Eu fui encarregado de te matar, mas eu não quero te matar e acho melhor você se entregar.

Mas Celso estava tremendo de medo do pistoleiro. E Celso disse:

— Tá vendo aquelas aves lá no céu? Eu vou matá-las para te mostrar como sou bom no tiro.

E atirou. Mas cada tiro que Celso dava, João atirava uma ave no chão. O pistoleiro ia entrando no prédio, quando, Celso, sem querer, apertou no gatilho e matou o pistoleiro.



Como o carnaval brasileiro é famoso em todo mundo, foi imitado até no céu.

Os brasileiros, que já haviam morrido, convocaram uma reunião com todas as pessoas do céu. E como estava próximo o carnaval, resolveram pular carnaval no céu.

Após o término da reunião, foram pedir permissão para São Pedro. Ele não quis concordar, mas tanto insistiram que ele acabou concordando. Então escolheram o local e ficaram esperando até o dia do carnaval.

Quando chegou tal dia, foi aquela correria até que enfim começou: homens, mulheres, crianças, anjos, santos: todos pulando e brincando. Só São Pedro não estava presente. Todos estavam preocupados: — Será que ele não está contente com o carnaval? — perguntavam a si mesmos. Logo ele apareceu carrancudo, de mau humor. Mas ao ver tudo aquilo, achou lindo, deslumbrante e até sua carranca desapareceu quando começou a pular e brincar com os outros.

(Lisete Maroski — 12 anos, Augusto Pestana).



A RAPOSA E A GALINHA

Uma galinha vermelha morava sozinha numa casa na floresta. Ali perto morava uma raposa sabida que passava as noites acordada, pensando como comer a galinha. Decidiu-se finalmente. Certa manhã colocou uma cesta debaixo do braço e disse para a mãe:

— “Deixe a água fervendo para quando eu voltar, pois hoje vou trazer a galinha para o jantar”.

Saiu então na direção da casa da galinha. No momento exato, a galinha saía de casa para apanhar lenha. A raposa deslisou cuidadosamente e escondeu-se atrás da porta. Quando a galinha voltou, deparou com a raposa. Jogando a lenha no chão, voou para o telhado.

— Já pego você, disse a raposa e começou a correr atrás da galinha, cada vez mais rápido. A galinha cansada, caiu no chão. A raposa pegou-a, satisfeita. A pobre galinha chorava pois nada podia fazer.

Depois de caminhar algum tempo, a raposa parou para descansar e pegou no sono. A galinha, feliz, pôs algumas pedras na cesta da raposa e correu para casa trancando-se bem.

Quando a raposa acordou, retomou sua caminhada para casa. A mãe estava esperando por ela.

— Mãe, a água está fervendo?

— Claro! Você trouxe a galinha?

— É lógico.

— Vai colocá-la já no caldeirão!

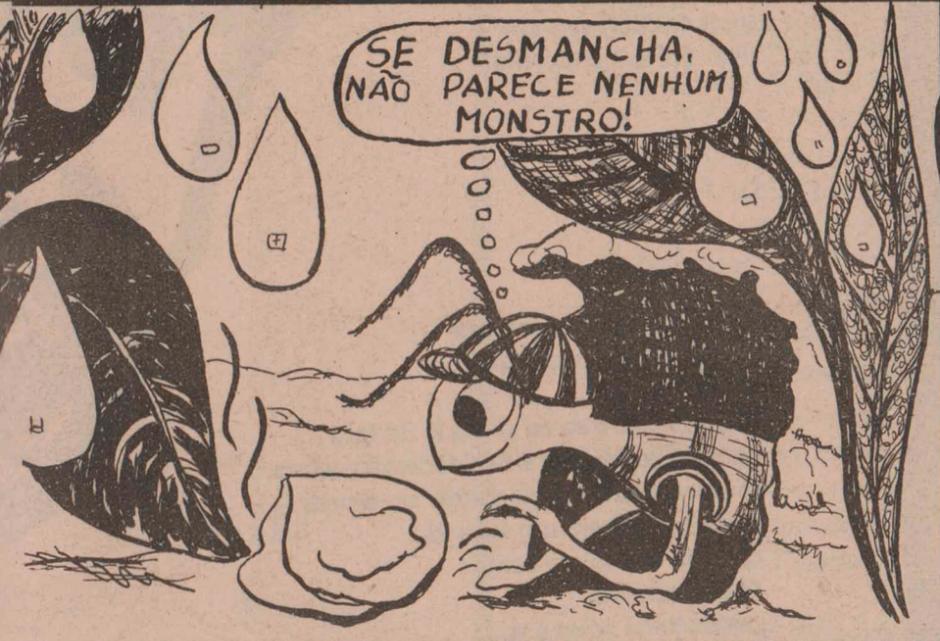
A raposa chegou perto do caldeirão, despejou depressa a cesta e as duas pedras grandes fizeram um barulhão na água quente e queimou as duas raposas.

Depois disto a galinha não precisou preocupar-se com as raposas.

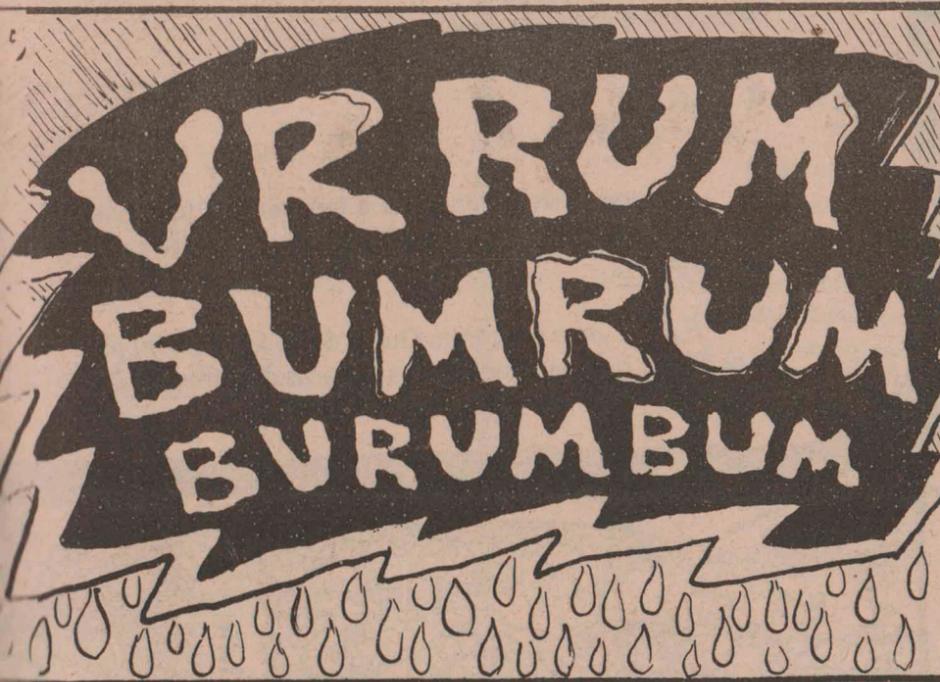
(Eloi Glitz — Santo Augusto)



NÃO TEM CHEIRO.
NÃO TEM COR.



SE DESMANCHA,
NÃO PARECE NENHUM
MONSTRO!



E' LÓGICO, NÃO SE
DEVE FACILITAR...
QUANDO A CHUVA
FICA BARULHENTA
E MOLHADA DEMAIS,
E' MELHOR AGUARDAR
NUM ABRIGO.



NENHUMA CHUVA
DURA SEMPRE.

DEPOIS, O SOL
E' MAIS SOL.

E TEM ARCO-ÍRIS

E TUDO E' MUITO
MAIS BONITO.

PRINCIPALMENTE



PRINCIPALMENTE
PARA QUEM TEVE
MEDO DE TROVÃO



MAS ISTO E' O PREÇO
QUE SE PAGA A UM
ESPÍRITO
NÃO-ACOMODADO.

AFINAL, O CRIME
NÃO E' TER MEDO,
MAS FAZER DO MEDO
PRETEXTO PARA
NÃO FAZER NADA.

livros livros livros livros livros livros livros

Vocês se lembram de Clara Luz, da Fada que tinha Idéias? . . . Se vocês gostam daquela história, podemos indicar uma outra muito bonita. O livro se chama "SOPRINHO" e foi escrito por Fernanda Lopes de Almeida, a mesma que escreveu "A Fada que tinha Idéias".

O livro mostra que a gente deve olhar com amor as coisas para poder vê-las de verdade. As pessoas, por exemplo, tem o costume de dizer que o dia é feio se está chovendo. Será mesmo? Soprinho dá

a seguinte sugestão: -Feche os olhos depois olhe como se fosse esta a primeira chuva que você vê na vida". Experimentem uma vez e vocês vão ver muitas coisas que vocês não notaram antes. Soprinho faz a gente ficar com vontade de descobrir as coisas.

Mas quem é este Soprinho? Isto vocês só ficarão sabendo se forem ler a sua história. O livro "Soprinho" é editado pela Melhoramentos em convênio com o Instituto Nacional do Livro.



Verticais

1. Compositor brasileiro
2. Contrário de calor
3. Onde se guardam lápis
4. Cheiro
5. Carvão que queima
6. Lugar com vegetação no deserto
7. Marcha do carro, para trás
8. É bela, mas tem espinhos
9. Vazio
10. Aqui
11. Se você para, ela para
Se você anda, ela anda
12. Desconfiar
13. As duas
14. Aquilo que você respira
15. Onda
16. Regime alimentar
17. Estado brasileiro
18. Saudação de despedida
19. Desgraça, doença, mal
39. Caminho estreito
41. Satélite da Terra

Horizontais

20. Flor - parte do olho
21. Mofo
22. Pai de Caim e Abel
23. Animal que gosta de caçar galinhas
24. Raiva
25. Luta em que morrem muitos pelos interesses dos que mandam
26. Casa
27. Que tem saúde
28. Chamarisco
29. Aquilo que sobra do churrasco
30. Que se opõe a Norte
31. Tira de reforço em roupa
32. Ladeira
33. Contrário de Mal
34. Cima
35. Unir
36. Carta de jogar
37. Presentear
38. Aquilo que se respira
40. Chimarrão
42. Pedido para repetir

MÚSICA POPULAR

O compositor gaúcho **Lupcínio Rodrigues** ficou conhecido como criador da música "dor-de-cotovelo". Sua música não tem sido valorizada como merecia. Parece que só agora, depois de sua morte, a sua obra está sendo devidamente apreciada.

Provavelmente vocês já escutaram esta música que vamos transcrever abaixo. Talvez até saibam cantá-la.

FELICIDADE

Felicidade foi-se embora e a saudade no meu peito ainda mora.

E é por isso que eu gosto lá de fora porque eu sei que a falsidade não vigora. A minha casa fica lá de trás do mundo onde eu vou em um segundo quando começo a cantar. O pensamento parece uma coisa a toa mas como é que a gente voa quando começa a pensar.

Aos gremistas talvez possa interessar que foi Lupcínio Rodrigues que compôs o hino do Clube. "Até a pé nós iremos ..."

E agora uma pergunta: Quem de vocês já pediu para as rádios para escutar aquelas músicas de Gilberto Gil?

RESPOSTAS RESPOSTAS RESPOSTAS

VERTICAIS

1. Gilberto Gil
2. Frio
3. Lapseira
4. Odor
5. Brasa
6. Oásis
7. Ré
8. Rosa
9. Oco
10. Cá
11. Sombra
12. Suspeitar
13. Ambas
14. Ar
15. Vaga
16. Dieta
17. Acre
18. Adeus
19. Praga
20. Iris
21. Bolor
22. Adão
23. Raposa
24. Ira
25. Guerra
26. Lar
27. São
28. Isca
29. Osso
30. Sul
31. Cós
32. Rampa
33. Bem
34. Riba
35. Atar
36. As
37. Dar
38. Ar
39. Vereda
40. Mate
41. Lua
42. Bis

HORIZONTAIS